Universidade Federal de Pelotas

Curso de teatro Licenciatura

Trabalho de conclusão de curso

Lua de renda: a colcha de retalhos da intertextualidade na montagem do espetáculo

Marlon Ribeiro Britto

Pelotas, 2018

Marlon Ribeiro Britto

Lua de renda: a colcha de retalhos da intertextualidade na montagem do espetáculo

Trabalho de conclusão do curso apresentado no curso de Teatro Licenciatura da Universidade federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de professor de Teatro

Professora Orientadora: Prof. Dr. Marina de Oliveira

Pelotas, 2018

Aos tantos atores de meus elencos
que tornam meus sonhos realidade

Agradecimentos

À minha família, que esteve sempre pacientemente comigo.

Ao meu elenco, em especial, minha “Elsinha” Lara Lago, uma parceria de olhares.

Aos que colaboraram de qualquer forma com o texto ou o espetáculo *Lua de renda*.

Aos jurados dos festivais de teatro que fui, me ensinando sobre a arte do espetáculo.

Às duas Marinas: De Oliveira e Colasanti. Uma com a paciência, a outra com a magia. Sem as duas, não existiria este trabalho.

Obrigado.

Resumo

BRITTO, Marlon Ribeiro. Lua de renda: a colcha de retalhos da intertextualidade na montagem do espetáculo. Trabalho de Conclusão do Curso de Teatro Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

O trabalho em questão começa com uma análise sobre a intertextualidade e o dialogismo de Bakhtin a partir da leitura de Kristeva. O foco está nas relações de criação e recepção de uma obra, refletindo-se sobre as influências que um texto, no caso uma dramaturgia específica, pode ter. Após este primeiro momento, relato o processo de montagem do espetáculo *Lua de renda*, que dirigi com a companhia de teatro Era Uma vez, de Rio Grande. A partir do viés da intertextualidade, analiso as influências que tive, a começar pelo conto "A Moça Tecelã", de Marina Colasanti, passando pelos arquétipos farsescos, pelas personagens de quadrinhos, pela negação da representação feminina tal como se dá nos contos clássicos da infância, e pelas minhas relações familiares. Após esta parte, trago considerações sobre a recepção e a relevância de *Lua de renda*, ponderando sobre o impacto que a representação teatral teve com crianças e adultos em seu trajeto de dois anos de apresentações.

Palavras-chave: teatro; intertextualidade; *Lua de renda*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 imagem do espetáculo *Lua de renda* na FEARG de Rio Grande.....20

FIGURA 2 imagem de Lara Lago se preparando para a apresentação no festival de teatro de Itaqui.....21

FIGURA 3 imagem de Lara Lago (Elsinha) Ludmila Maioli (Odete) e Marlon Britto (Maximiliano) em Rolante.....22

FIGURA 4 imagem de Luiza Dalbosco, a Divinha e Marlon Britto, Maximiliano, no festival de teatro de Arroio dos Ratos.....24

FIGURA 5 imagem de cena: Thierry Dorneles, Lara Lago, Ludmila Maioli e Lucas Salaberry na feira do livro de Guaíba.....25

FIGURA 6 imagem de cena: Ludmila Maioli (Odete) Lucas Salabérry (Alcides) Bruno Acosta (Lua) E Lara Lago (Elsinha), Teatro do Sesc de Gravataí.....26

FIGURA 7 imagem de Lara lago como Elsinha em *Lua de renda*.....28

FIGURA 8 imagem de Lara lago como Elsinha em *Lua de renda*.....28

FIGURA 9 imagem de um exemplo de Enamorada.....28

FIGURA 10 imagem de Marlon Britto como Maximiliano.....29

FIGURA 11 imagem do Senhor Pantaleão, personagem da comédia dell'arte.....29

FIGURA 12 imagem do Senhor Doutor, personagem da comédia dell'arte.....29

FIGURA 13 imagem Ludmila Maioli, personagem da comédia dell'arte.....30

FIGURA 14 imagem de Corallina, personagem da comédia dell'arte.....30

FIGURA 15 imagem de Lucas Salabérry (Alcides), de Lua de Renda 31

FIGURA 16 imagem do Enamorado, personagem da comédia dell'arte.....31

FIGURA 17 imagem de Thierry Dorneles, Senhor Pantaleão de *Lua de renda*.....32

FIGURA 18 imagem do Capitão, personagem da comédia dell'arte.....32

FIGURA 19 imagem da evolução da Mulher-Maravilha.....34

FIGURA 20 capa da revista Fantastic Four 4.....36

FIGURA 21 arte atual da Mulher-Invisível.....36

FIGURA 22 arte mostrando os visuais de Tempestade.....37

FIGURA 23 imagem do elenco no final do espetáculo.....40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 09
2. INTERTEXTUALIDADE E RECEPÇÃO 10
3. ANÁLISE DESCRITIVA DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA PEÇA A PARTIR DO CONTO 16
3.1 Conhecendo o conto e criando um roteiro 16
3.2. Do roteiro até as primeiras ideias para cena 18
3.3. Análise após a estreia 20
3.4 Trilha 22
3.5 Experimentações finais 24
4. A INFLUÊNCIA DAS PERSONAGENS FARSESCAS 27
5. O EMPODERAMENTO DA PROTAGONISTA FEMININA 34
6. O IMPACTO DO ESPETÁCULO 41
7.CONCLUSÃO 44
8. BIBLIOGRAFIA 46
9. ANEXOS 47
9.1. O conto "A moça tecelã", de Marina Colasanti 48
9.2. A dramaturgia de *Lua de renda* 50
9.3 Folder da peça 60
9.4 Crítica de Juliana Ferrari 61
9.5 Premiações do espetáculo 62
9.6 Imagens do espetáculo 63
9.6.1 Estreia 63
9.6.2 Escola Barão de Cêrro Largo 64
9.6.3 Teatro Municipal de Rio Grande 65
9.6.4 Feira de Artesanato de Rio Grande (Fearg) 66
9.6.5 Ilha dos Marinheiros 67
9.6.6 Cassino 68
9.6.7 Itaqui 69

9.6.8. Rolante 70
9.6.9 Guaíba 71
9.6.10 Rosário do Sul 72
9.6.11 Arroio dos Ratos 73
9.6.12 Gravataí 74

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar o desenvolvimento do espetáculo *Lua de renda*, uma adaptação do conto "A moça tecelã", de Marina Colasanti. Nele destaco a teoria do dialogismo de Bakhtin através da leitura de Kristeva, refletindo sobre as influências que um texto, no caso uma dramaturgia específica pode ter. Após, relato todo o processo de criação e montagem do espetáculo/texto, desde sua gênese até uma apresentação final. Enfatizo as influências intertextuais desta criação e encerro com a recepção do espetáculo perante o público.

A ideia deste trabalho foi exemplificar, através de uma montagem realizada sobre uma adaptação de um conto aos palcos, como realizou-se em seus diversos passos, desde o encontro com a literatura da autora, passando pelo desenvolvimento próprio com o grupo (Cia. Teatral Era Uma Vez, de Rio Grande) e sua busca estética, sua produção e a gênese das personagens, até a recepção com o público.

Durante a análise, revi uma série de intertextualidades de forma extremamente pessoal, refletindo sobre o papel de gênero, tanto na minha infância quanto na literatura, existente para o público infantil. Analisei meu próprio papel social, como diretor e escritor de um espetáculo, sobre o tipo de peças que desejo ter em meu currículo.

Em um tempo tão obscuro como o que vivemos, em que pessoas se aproveitam da mídia para despejar verdadeiras falácias monstruosas sobre gênero e minorias sociais, o teatro assume a posição de militância onde defendo a solidez da igualdade entre todos. Com esta montagem, tentei fugir dos dogmas do teatro infantil bobo e despreocupado, pois como a própria teoria do dialogismo coloca, tempo e espaço são peças fundamentais na construção de um texto.

2 **INTERTEXTUALIDADE E RECEPÇÃO**

A intertextualidade se entende pelo conjunto de relações que diversas obras podem exercer sobre outras. A reflexão a ser desenvolvida é que todo texto literário com que um escritor se relaciona na sua vida irá influenciar suas obras, de forma consciente ou não. De acordo com Kristeva, na sua teoria da intertextualidade:

> Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se o da intertextualidade e a linguagem poética lê-se, pelo menos, como dupla. (apud NITRINI, 2000, p. 161)

Todas as obras nos influenciam. Uma leitura, um conto, uma imagem, propaganda etc. irão caracterizar um mosaico de informações que são muitas vezes guardadas e que, em algum momento no processo criativo, são despertadas ou mesmo irão dar o princípio para a construção de outra leitura.

Mas devemos destacar que o conceito de intertextualidade de Kristeva baseia-se no conceito da dualidade de Bakhtin, que parte da ideia de que as relações entre o que o escritor na sua individualidade quer e sua obra são concebidos não isoladamente mas em contexto e em relação de espaço e tempo. Segundo aponta Sandra Nitrini, em *Literatura comparada*, ambos são encarados como ocupando um lugar único historicamente determinado

> Para Bakhtin, a "palavra literária", isto é, a unidade mínima da estrutura literária não se congela num ponto, num sentido fixo; ao contrário, constitui um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo entre diversas escrituras: a do escritor, do destinatário (ou do personagem), do contexto atual ou anterior. O texto, portanto, situa-se na história e na sociedade. Estas, por sua vez também constituem textos que o escritor lê e nas quais se insere ao reescrevê-las. A diacronia se transforma em sincronia. (NITRINI, 2000, p.159)

Nitrini ao falar sobre Bakhtin reafirma o conceito do dialogismo, em que existem várias relações que a todo momento influenciarão na leitura e assimilação da obra: autor/receptor, autor/tempo; receptor/tempo, autor/espaço social de escrita, receptor e espaço da escrita, e assim por diante. A mesma obra, que para mim é recebida de um jeito, pode ser compreendida de modo completamente diferente por outro indivíduo, devido a gama enorme de variáveis no processo.

Após uma reflexão sobre a intertextualidade, percebendo que ela é a correlação entre textos já escritos e a realização de uma escrita nova, talvez seja possível dizer que toda nova obra criativa tem relação intertextual com outras obras prévias. Seja esta com influência maior ou quase inexistente, mas sempre haverá, pois não se pode supor que algum escritor tenha produzido qualquer forma literária sem relação anterior com outro produto literário.

O contexto em que se encontra a realização do produto literário é de fundamental importância para se pensar a intertextualidade, pois o tempo em que se encontra o pensamento do autor e sua condição social se cruzam diretamente com o momento em que se encontra o tempo e a condição social do receptor do produto literário. A intertextualidade está completamente ligada a estas condições. Portanto o conhecimento da realidade, a noção do "mundo" deve ser compartilhada entre autor e receptor da obra. Imagens também influenciam na intertextualidade. A composição e visualização de formas que a mente evoca ou cria é fundamentalmente inspirada em algo, e ao criar vida na forma literária, personagens têm traços de figuras guardadas. Um processo de uso intertextual é como um arquivo mental composto de fichas, as quais muitas vezes nem sabemos da existência.

Algumas obras expressam a relação intertextual de modo mais explícito, outras são mais sutis e algumas talvez até acreditem não ter intertexto algum, mas o ponto em que a reflexão se estabelece é que sempre haverá leituras prévias de outras obras com visualizações de realidades apresentadas por um autor. E estas darão origem a outro texto que influenciará a criação de outro universo (texto), com cargas poéticas diversas que vão se acumulando na criação artística de autores.

> O livro remete a outros livros e pelo processo de somação, confere a esses livros um novo modo de ser, elaborando assim sua própria significação (NITRINI, 2000, p.163).

Portanto, reafirmando a ideia de Nitrini, constata-se que todo texto foi originário de um texto prévio. Mesmo que alguém se imaginasse na posição milagrosa de ausência de relação intertextual, esse conceito cairia de imediato, pois no momento em que a pessoa desenvolve a compreensão e a codificação da escrita na alfabetização, ela já está tendo relação intertextual com outra obra.

A intertextualidade se dá na relação entre o autor, o receptor e o universo entre eles (a condição sócio histórica pontuada entre ambos) e a relação destes vai criar uma percepção de texto. Portanto, apesar do autor pontuar o momento social ao produzir a obra, esta irá se transformar conforme se altera o contexto do receptor. Ao fazer cada leitura, ou até leituras distintas de uma mesma obra, o nosso entendimento se diferencia, já que a mesma obra, lida em diferentes momentos da vida se transformará, pois houve mudança no universo do receptor.

O texto não fica limitado a alguma escrita, podendo ser uma imagem, escultura, desenho, pintura, música etc, é possível perceber que somos embebidos nas mais diversas formas de intertextualidade. Na verdade, o trabalho literário por parte do autor seria

escolher e selecionar as influências que ele recebe e até onde essas influências serão visíveis ou não.

Achei interessante quando vi, há alguns anos atrás, uma entrevista com Sofia Copolla, diretora do filme *Maria Antonieta*, destacado pela ostentação de seus figurinos e adaptação da época. Copolla comentou que as peças de vestuário foram construídas e inspiradas em doces, como tortas, pudins e etc. Este é um exemplo interessante de intertextualidade onde percebemos uma inspiração diversa (doces como propulsores de figurinos cinematográficos) em que há uma mistura entre o que é conhecimento do autor, ou seja, os elementos da época e o *design* dos doces. Sei que não é um exemplo de intertextualidade literária, mas é um exemplo de intertextualidade no campo das artes visuais.

São nove os tipos de comandos intertextuais: Alusão ou referência, Citação, Paráfrase, Crossover, Epígrafe, Pastiche, Plágio, Sample, Bricolagem, Transliteração. Nesse trabalho os elementos que nos interessam são os três primeiros.

Na alusão ou referência, a intertextualidade não é destacada diretamente, só a partir de metáforas ou características secundárias. A relação vem de forma sutil e remete a uma influência de forma discreta e pode até passar desapercebida. Depende muitas vezes da compreensão e cultura do receptor. Pode ser *nominal*, onde representa um nome próprio de compreensão geral, *pessoal*, onde se cita um nome próprio de conhecimento do autor, *histórica* onde é citado algum acontecimento marcante ou *textual*, quando se utiliza de elementos marcantes de uma obra literária.

Já na citação, existe uma transcrição de um texto alheio, geralmente evocando o nome do autor. Segundo Carlos Ceia, no E-Dicionário de termos literários:

> A citação é a forma mais explicitamente marcada de reprodução de discurso no discurso. Quando falamos de estados de coisas, de indivíduos (do mundo real ou da ficção), temos geralmente em conta o que outros já disseram sobre o assunto. (CEIA, s.d.)

O texto realmente vai passar pelo transporte, sejam frases, textos grandes, parágrafos, ou até mesmo conceitos ou termos criados pelo autor. Quando ela for empregada de forma mais explícita será acompanhada do nome do autor ou de alguma marca como aspas, geralmente oriundas de material mais informativo.

Na paráfrase, elemento que nos é mais importante, o autor receptor recria a intenção do autor original, relembrando a sua mensagem. Existe a compreensão geral do texto, da ideia do autor; essa ideia irá passar por um processo de assimilação do receptor, que, somado com algum novo conceito, resultará numa nova obra. Um texto pode virar

uma série de ações físicas ou coreografias, segundo a visão do receptor que recriará uma obra intertextual.

Obviamente todos os elementos citados necessitam de um conhecimento prévio e profundo do receptor criador, pois não se pode evocar qualquer pensamento ou ideia ou conceito de alguém que se desconheça. Neste sentido, a paráfrase parece ser a relação intertextual onde isso aparece com mais profundidade, pois parte do conhecimento profundo da ideia do texto passando, por consequência, pelo pensamento do autor. Acredito que as relações intertextuais não apenas carreguem textos, mas também o universo inteiro de conceitos de escritores acumulados ao longo do tempo.

Nitrini, ao falar sobre Paul Valéry em seu livro *Literatura comparada*, afirma que a influência de intertextos é presente e viva na criação de obras literárias e não só se distancia do plágio quanto é um elemento que ao ser bem utilizado é fundamento da originalidade.

> A qualidade da digestão da substância dos outros é que define os limites entre a originalidade e o plágio: Plagiário é aquele que digeriu mal a substância dos outros: torna seus pedaços reconhecíveis. A originalidade, caso de estômago. Não há escritores originais, pois aqueles que merecem este nome são desconhecidos e mesmo irreconhecíveis. (NITRINI, 2000, p.134)

Portanto Valéry, citado por Nitrini, confirma a teoria do dialogismo onde nenhum texto é inédito pela impossibilidade de tal fenômeno, mas se destaca como original e criativo o texto que é consumido pelo autor que vai criar uma nova obra. Esta forma de "alimento de referências" é que substancia a criação. Mas também nunca reduzindo a criação a apenas influências pois esse sistema não é suficiente para a criação.

Recepção

Novamente analisando a teoria do dialogismo de Bakhtin e o conceito de relações intertextuais de Kristeva, o caminho entre autor e receptor faz com que tenhamos uma série de elementos para analisar e repensar.

As variáveis serão a base do gosto por uma obra. Por exemplo, um texto, um filme, etc. que possa ser amado ou idolatrado por um grande número de pessoas, por outras pode ser considerado até mesmo desprezível, mas o que leva a esta diferença de gostos?

Parte-se da ideia de que todos os receptores são diferentes. Ora, todo ser humano é único e cada um tem sua leitura não apenas daquela obra, mas do universo.

No momento do ato criador do texto, o autor faz uma série de construções literárias, sejam elas descritivas, emotivas, mais ficcionais, realistas, etc. O autor cria uma

série de códigos, uma série de referências que ele traz naquele momento da escrita, sendo uma apresentação pontual de um tempo de existência autoral. Esta obra vai seguir um grandioso caminho e com infindáveis ramificações até chegar à compreensão do receptor.

Uma das influências mais fortes da recepção será o tempo social em que a obra é lida. Uma obra lida em diferentes meses, o que não se dirá de anos de diferença terá um impacto social muito diferente. Leituras são influenciadas desde o bobo modismo até obras que são lidas conforme a necessidade social, isto é, períodos de busca de reflexão sobre algum tema.

O exemplo atual de talvez ambas as situações é a elevação de vendas na obra de Saint- Exupéry, *O pequeno príncipe*. Apesar de a obra sempre ter sido um ícone de vendas mundial, atualmente, devido à quase ausência de relações pessoais livres entre as crianças e do advento de um mundo virtual que não dá mais espaço ao ato de brincar, surgiu uma adaptação cinematográfica que visita o livro dentro da obra, despertando o interesse. O livro realavancou suas vendas com lugar de destaque em muitas das livrarias. E ainda comentando sobre o livro de Exupéry, existe um ditado popular, que é outro ponto a questionar sobre o fator da recepção: sempre que você ler *O pequeno príncipe*, seja em qualquer momento da vida, você terá leituras diferentes. A afirmação popular destaca que a vivência do leitor irá influenciar drasticamente na recepção do texto. Ler uma obra aos dezoito anos será completamente distinto de lê-la aos vinte e oito.

A bagagem cultural, as relações de vivência que temos com o nosso universo fará a diferença na recepção, pois a constituição humana vem de suas relações, suas decepções, seus amores, prazeres e dores. *Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho, será lido com mais sensibilidade por alguém que teve um relacionamento desfeito, assim como quem leu este romance fará conexões intertextuais ao ver o filme *Moulin Rouge*, dirigido por Baz Luhrmann, entre outros.

E ainda, além de todas essas variáveis, temos as condições de leitura, sendo o espaço escolhido um elemento importante. Se estou lendo algum texto de forma tranquila, este será assimilado por mim de uma forma. Uma leitura que faço em um hospital para passar o tempo, sempre evocará a imagem daquele ambiente onde eu estive ao ler. Ao ler por minha vontade, estou executando um ato de prazer, por meu desejo. Mas por exemplo, uma leitura forçada em uma graduação ou por alguma outra obrigatoriedade, onde sou forçado e pressionado a ler, irá influenciar no meu modo de receber a obra. Na verdade, admirar uma obra é como admirar uma pintura, cada um tem seu tempo.

A razão de muitos filmes ou séries adaptadas de livros serem sucessos ou fracassos talvez se encontre nas diferenças entre leitores de um texto. Alguns

diretores/produtores/autores ainda conseguem criar filmes adaptados de obras literárias de modo razoável, mas um consenso entre todos os conhecedores de ícones adaptados para o cinema é de que a versão cinematográfica é inferior à leitura da obra. Na obra lida, o elemento da imaginação tem vida, formas e conceitos pessoais. No momento em que uma direção cinematográfica dá uma imagem final a alguns personagens, espaços etc. toda a liberdade de imaginação fica limitada àquelas imagens. E muitas vezes elas não condizem com a imaginação do fã, que fica frustrado por ter uma visão forte e específica de um conceito literário que não é correspondido em seu imaginário.

> Recepção como noção estética abrange um duplo sentido: passivo e ativo ao mesmo tempo. Define-se como um ato de face dupla que compreende simultaneamente o efeito produzido pela obra e a maneira como esta é recebida pelo público. Este ou o destinatário podem reagir de vários modos: consumir simplesmente a obra ou criticá-la, admirá-la ou recusá-la, deleitar-se com sua forma, ou deleitar-se com seu conteúdo, assumir uma interpretação reconhecida ou tentar apresentar uma nova. Finalmente, o destinatário pode responder a uma obra produzindo ele próprio uma outra. E assim se realiza o circuito comunicativo literário: o produtor é também um receptor quando começa a escrever. Por meio dessas diversas atividades, o sentido de uma obra está sempre se renovando como resultado do horizonte de expectativas. (NITRINI, 2000, p.118)

Nitrini comenta sobre o papel do receptor de uma obra e de como ela pode influenciar no seu trabalho futuro. Esse fator pessoal da leitura é o que faz, por exemplo, no universo das artes cênicas, uma montagem de um mesmo texto dramático de um diretor artístico ser diferente da outra, já que a compreensão de cada diretor será única. Da mesma forma, o momento da montagem, as relações que se estabelecem no ato de criação e a ligação fundamental com todos os elementos cênicos disponíveis na ocasião, também são únicos. O mesmo conto de Marina Colasanti, que dá ponto de partida a este trabalho, também foi montado pelo grupo "A Caixa do Elefante", de Porto Alegre, com uma percepção original do conto. De comum entre as duas peças teatrais, ambas partindo da mesma narrativa, é o sentido (paráfrase) em que a fábula da autora está presente.

3.ANÁLISE DESCRITIVA DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA PEÇA A PARTIR DO CONTO.

3.1 Conhecendo o conto e criando um roteiro

O texto me foi apresentado ainda no ano de 2011 através de um amigo. No momento em questão, procurava textos, contos, poesias etc. que servissem de inspiração e possuíssem o elemento dos tecidos e da costura. Existia uma imagem estética definida para trabalhar uma dramaturgia junto com elementos artesanais, mas de formas simples e sem grandes pretensões de montagem.

Um dos textos pensados e analisados foi "A roupa nova do imperador", de Andersen. Mas a leitura que realmente me tocou foi "A moça tecelã", de Marina Colasanti. Trata-se de um texto pequeno de uma autora desconhecida até então para mim. O primeiro contato foi encantador. Em poucas linhas, em apenas duas páginas, a autora conseguiu refletir o que se passava em meu coração naquele momento. Estava decidido: era o momento de iniciar a parceria com a autora.

O texto fala sobre a moça que estava sempre só e que possuía o talento de tecer o que queria com precisão, porém um dia, sentiu-se imersa na tristeza. Resolveu tecer um noivo com todas as perfeições possíveis que tanto desejava. Entretanto, esta criatura foi tornando-se cada vez mais possessiva, exigente e cheia de defeitos que o tornavam insuportável. Cansada desta atitude, a tecelã desfaz todas as suas obras, voltando ao momento em que a história começa e percebe que na simplicidade ela está em paz.

Ainda no mesmo ano, comecei o processo de transição da linguagem literária para a linguagem teatral. No primeiro momento, após conhecer mais sobre a autora e tentar entender sua postura com o mundo, tentei colocar alguns dos principais elementos em destaque, de forma reduzida. Os elementos destacados foram: a solidão da protagonista do conto, a busca por alguém que a tirasse do isolamento, a submissão ao noivo, o eclipse de sua personalidade em função do amor que lhe era oferecido e enfim a percepção de que isso não era suficiente.

Após as ideias básicas destacadas, comecei a roteirização da história. Pensando no potencial de venda e de produção, o primeiro roteiro contava com um texto para dois atores apenas, em que uma atriz interpretava o papel da personagem principal e da Lua, enquanto o ator se desdobrava em quatro papéis: Primeirinho, tão centrado em si mesmo que não dava bola para a costureira; Segundino, tão compulsivo pela costureira que se

tornou obsessivo; Terceirinho, que era um equilíbrio entre as personagens anteriores, porém com um ego absurdo; e o vendedor de botões.

O elemento da Lua ofereceu uma linguagem poética, representando o celestial, o sagrado, o encantador e o místico, mas ao mesmo tempo deu um toque de intimidade, equivalendo, nas devidas proporções, à fada madrinha de *Cinderela*, aqui trazendo uma intertextualidade com um clássico popular.

A presença de costuras, tecidos e botões simbolizou o universo desta mulher, seus pensamentos, suas linhas de vida, o caminho que ela trilha e seu papel no mundo. A leveza de como ela vê o universo. Tais conceitos deram fundamento a concepção desta personagem por parte da atriz, ao mesmo tempo em que indicaram uma necessidade visual toda especial para a montagem. Já a renda trouxe a parte romântica, matrimonial, que é vinculada basicamente ao familiar, desde o véu de casamento até as cortinas de senhoras ou toalhas de mesa, assim como a cobrança social ao papel feminino de boa esposa, mãe e cuidadora de um lar. Todos estes foram simbolismos intuitivos, guardados em minha memória e que acredito constantes de um imaginário coletivo.

Destas ideias surgiu a criação da letra e musicalização de uma trilha que refletiu os sentimentos desta jovem com o coração ansiando por um amor.

Lua de Renda

Luar rendado vem e traz um namorado
Um príncipe encantado que viva só pra mim
Lua de renda vem e traz uma oferenda
Pra mim quase uma lenda com cheirinho de jasmim
Estou tão só nas linhas dessa vida
Costureira iludida com vazio no coração
Que ele venha bem gentil e apressado
Que só queira estar casado como a cava e o botão
Que ele venha bem gentil e apressado
Que só queira estar casado
Como a cava e o botão.

Complementado com a trilha, este primeiro roteiro ficou engavetado por dois anos, até o momento em que eu consegui novamente unir estas ideias todas e desenvolver mais a dramaturgia.

3.2 Do roteiro até as primeiras ideias para cena

Dois anos depois, em seguida de outro trabalho autoral, veio o momento de criação de um novo espetáculo. Após analisar o material que eu tinha, a escolha pareceu-me óbvia, trazer de volta aquele espetáculo que abordava o fantástico em espelho às

relações conjugais. Isso de forma bem resolvida e que não menosprezasse a inteligência das crianças.

Minha decisão foi montar o texto junto à companhia “Era Uma vez”. A primeira ideia era manter os dois atores pensados no roteiro inicial e um técnico para operação da trilha sonora ao vivo, mas nenhum integrante do grupo com domínio musical, seja em canto ou instrumental, estava disponível para a exigência de ensaios e horários de apresentação que um espetáculo infantil necessita. O elenco disponível, Lara Lago e eu, não era capacitado em canto ou instrumentos, e na companhia havia acabado de entrar o ator Lucas Salaberry, que tocava violão. Foi um pensamento imediato: colocar uma pessoa para operar o som e mais um ator em cena, trazendo o elemento do violão tocado ao vivo. Isso facilitaria o meu trabalho de ator, já que seriam menos trocas de roupa e criação de personagem. Aqui é engraçado ver como logo na gênese da dramaturgia criada, o texto foi alterado conforme o material humano da companhia e pensando-se na realidade de produção da cena do teatro amador no interior.

Pelas razões apontadas, nos tornamos três em cena: Lara Lago, minha colega do curso de teatro Licenciatura da UFPel, fez a protagonista e a Lua; Lucas Salaberry, o vendedor de botões; e eu, os três pretendentes.

Depois de definido o roteiro, fomos para as leituras e percebemos que ao trazer três personagens diferentes, nenhum deles tinha a profundidade e dinamicidade para o desenvolvimento da ideia da opressão gigantesca que eu queria apresentar. Então deduzi, na condição de diretor/dramaturgo, em concordância com o resto do elenco, que seria mais interessante que todos os defeitos de Primeirinho, Segundino e Terceirinho fossem facetas de um mesmo opressor. Portanto, decidiu-se que todos eles deveriam estar fundidos em apenas uma personagem, com todos os defeitos possíveis elevados ao máximo para acentuar a sua pateticidade. O vilão foi batizado como Maximiliano.

Mas algo estava faltando no espetáculo. A relação dos dois se fechava neles mesmos e ao mesmo tempo parecia vitimizar demais a personagem da costureira, que até então não possuía nome. Pareceu-me necessário para o suporte do texto que houvesse o olhar do outro, a visão de como o mundo percebia a personagem da costureira. Ao mesmo tempo, desejava mostrar com simpatia uma figura de uma mulher independente, que não fosse oprimida por pressões sociais, que traria um elemento cômico ao texto. Assim surgiu a Dona Odete, uma mulher mais velha que seria como um apoio emocional à costureira, tentando durante a história fazê-la perceber o quão destrutivo era o relacionamento em que ela estava. Mas a carência havia feito da costureira uma refém de uma relação abusiva. Odete, por outro lado, trouxe a independência, a força, o humor e o

antagonismo ao domínio de Maximiliano. A atriz Ludmila Maioli desempenhou este papel no espetáculo de forma encantadora e criou uma nova série de jogos entre as personagens.

O processo se deu permanentemente de forma colaborativa com o elenco, questão que é permanente busca em todos os meus trabalhos de direção. Entretanto, para que esse desenvolvimento fosse realmente válido, foi fundamental a compreensão clara do que estavam fazendo. O conhecimento do conto original, da postura da autora e compreensão das personagens foi essencial para o espetáculo.

A escolha do nome das personagens aconteceu por motivações pessoais. O casal da costureira e do vendedor de botões foi batizado em homenagem a meus avós, Elza e Alcides. Ela costureira, ele carroceiro, exemplo de amor, pois se casaram: ele com dezessete e ela com quinze, passando a vida juntos. Maximiliano, o noivo perfeito, veio do próprio conceito de arrogância, de máximo, Maximiliano. Já Odete foi batizada pela sonoridade do nome.

Outro elemento intertextual que o espetáculo conteve em sua gênese foi a influência da caracterização das personagens partindo da movimentação e de trejeitos da comédia dell'arte assim como elementos de jogos farsescos em cena. A simpatia do grupo pelos textos de Molière e suas mais diversas montagens ficou evidente. Este aspecto será melhor desenvolvido no próximo capítulo.

3.3 Análise após a estreia

Após analisar a primeira apresentação, percebi junto com o grupo que o texto não falava apenas para uma pessoa, mas para todas que já sofreram qualquer forma de abuso. Notamos que tínhamos um material muito interessante e diferente nas mãos. Fizemos com este elenco um total de 18 apresentações nos lugares mais diversos, inclusive apertados em salas de aula.

Fig. 1: Lara Lago e Ludmila Maioli em Lua de renda. Fearg de Rio Grande. Foto Bruno Acosta

O texto foi sendo analisado, eliminamos pequenas redundâncias, elementos repetitivos e falas desnecessárias, dando assim ritmo maior às cenas. Algumas estavam narradas demais e foram transformadas em ações. Foi belíssima a construção e o desenvolvimento das personagens por parte dos atores, mas em especial destaco o trabalho da atriz Lara Lago, que transformou uma personagem que seria dificílima de ser trabalhada em uma heroína crível, profundamente simpática ao público.

Fig 2 : Lara Lago se preparando para a apresentação no festival de teatro de Itaqui

Não foram poucas vezes em que a plateia brigou e xingou Maximiliano, que maltratava a protagonista. Ela cativou a todos graciosamente, motivando meninas a terem um posicionamento menos subserviente e meninos a perceberem o desrespeito que muitas mulheres passam.

Com a simpatia que Dona Odete causou representando o povo, ou ao trabalho bem realizado da atriz Ludmila Maioli, Odete conquistava a todos de forma bem humorada, e tinha tempos cômicos muito precisos e funcionais, mas algo faltava neste momento. Era necessário uma conclusão desta personagem para que não fosse apenas um alívio cômico na história. Existe um relacionamento entre Maximiliano e Elsinha, que poderia dar certo, mas não dá. Percebi a necessidade da visão de Elsinha de outras situações, então criei a personagem Pantaleão, inspirado também na comédia dell"arte. Desta vez no velho sovina e arrogante, reflexo do senhor doutor, entretanto um pouco mais simpático, pois já havia a imagem antipática vinda de Maximiliano.

A vinda de Pantaleão, através do jovem ator Thierry Dorneles, materializou-se numa personagem que era um amor maduro do passado de Odete, que de repente transforma as personagens e realça mais a solidão da protagonista. Esta ideia ramificou mais ainda o texto dramático, criando um novo enredo de um amor que não tinha por que dar certo, que ficou guardado uma vida inteira e que de repente veio à tona. E mesmo

com problemas, mostrou que pessoas têm seus defeitos, e parte de um grande amor é lidar com esses defeitos também. Pantaleão e Odete formaram um casal que acaba por dar certo e que vai apoiar a personagem protagonista.

Junto com a presença do senhor Pantaleão, o espetáculo pontuou uma mudança estética completamente espelhada na dramaturgia. O cenário deixou de ser feito com sacos de juta e passamos a utilizar painéis feitos com a presença de milhares de fuxicos de pano e flores de crochê artesanais. Costuras aconteciam em cena, tecidos davam origem a jogos cênicos, como enrolar personagens, dar sumiços a personagens etc. Apesar de ser atemporal o espetáculo lembra sem compromisso a estética do período do século XVI. Além da elaboração maior dos figurinos quanto a acabamento e materiais, destaco a valorização do crochê e das rendas. Foram um toque especial e artesanal que somado ao texto, criou uma unidade visual tanto na cenografia, quanto nos figurinos ou mesmo em pequenos objetos de cena.

Fig 3: Lara lago(Elsinha) Ludmila Maioli (Odete) e Marlon Britto (Maximiliano) em Rolante. Fotos Fotobooth

3.4 Trilha

Com a chegada do primeiro festival de teatro, o espetáculo começou a adquirir novas caras estéticas que se fundamentavam na dramaturgia. Além da parte visual, percebemos que a trilha sonora era repetitiva e toda criada a partir da música tema do espetáculo (*Lua de Renda*), citada acima. Surgiram então trilhas escritas por mim e musicadas pelo ator Bruno Acosta e tocadas pelo ator Lucas Salaberry (que interpretava

Seu Alcides) e quando possível pelos atores/músicos do grupo Guilherme Coelho e o próprio Bruno Acosta. Surgiram as músicas de apresentação para Maximiliano; de indignação com os sofrimentos da amiga, cantada por Odete; a canção do coração partido do Senhor Pantaleão, pela briga com sua amada Odete; além da música final, que tornou-se uma paródia da música tema e deu a costura final a todo o texto.

Abaixo, segue a letra da trilha de encerramento parodiada, tendo como referência a música tema:

Luar rendado que me trouxe um safado
Era um tostão furado que viva só pra si
Luar de renda vem que falo sem emenda
Que todo mundo aprenda que existe gente assim
Estava só nas linhas dessa vida
Costureira iludida
Esperando um namorado
Agora sei que um coração rasgado
pela sua própria mão
tem que ser costurado.
Agora sei que um coração rasgado
pela minha própria mão
tem que ser costurado..
(Bruno Acosta, Marlon Britto)

A criação e utilização de trilhas originais, apesar da dificuldade de canto, alavancou de forma absurda o espetáculo, aproximando e sublinhando características das personagens e transformando textos falados/dramaturgia em canções/dramaturgia.

Uma trilha que também se destacou foi a música misógina e irritante de Maximiliano, cantada enquanto a costureira fazia um colete azul para o manipulador noivo.

Eu quero mais, eu quero tudo
Eu quero tudo, tudo, tudo esse mundo
Eu quero mais, eu quero tudo
Eu quero tudo, tudo, tudo esse mundo
Eu quero um presentinho
Para alegrar meu coração
Quero muito carinho
Preciso de atenção
Sou todo perfeitinho
feito sob medida
Eu sou tudo aquilo
que queres nesta vida
Eu quero mais, eu quero tudo
Eu quero tudo, tudo, tudo nesse mundo
Por que ter um noivinho
É tudo que se quer
Este é o mesmo sonho
De toda mulher
Quero nessa vida só o que é bom
Almoço camarão, jantar filé mingnon.
Massagem no pé, limpa minha meleca
Na cama o café´, lava minha cueca
Costura minha meia, arruma minha cama..

Quero mingau de aveia...diga que me ama.
Sou todo perfeitinho, feito sob medida
Eu sou tudo aquilo que queres nesta vida...

Com essa canção Maximiliano apresentava suas atitudes prepotentes, machistas e abusivas. Mesmo que o momento fosse divertido, a cena envolvendo essa trilha era muito forte, pois além do colete azul, Elsinha costura uma castelo para Maximiliano. A cena acontecia junto com a ação da costura. Após esta música, a costureira oferece o castelo e seu noivo diz: "Poderia ser melhor, se ao menos tivesse um pouco mais de capricho..."

3.5. Experimentações finais.

Um exercício, já que o espetáculo estava em permanente transformação, foi a criação de outra personagem, que seria a irmã de Elsinha: Divinha. Uma moça fútil que deseja manter-se bem de vida e representava o olho crítico que as famílias têm em relação às mulheres que não casam. Entretanto, o acréscimo desta personagem não trouxe nada diferente ao espetáculo, pelo contrário, acabou por diminuir a força do antagonista, criando um conflito repetitivo e desnecessário. Divinha era apenas uma versão feminina e de reforço a Maximiliano. Foi um experimento que durou apenas seis apresentações.

Fig 4 : Luiza Dalbosco, a Divinha e Marlon Britto, Maximiliano, no festival de teatro de Arroio dos Ratos

Tiramos o biombo central da cenografia, que antes era composta por três peças, onde ficava a Lua anteriormente e era representada pela mesma atriz que fazia Elsinha.

Fig 5: Thierry Dorneles, Lara Lago, Ludmila Maioli e Lucas Salaberry na feira do livro de Guaíba. Foto José Renato Leão

A personagem da Lua passou a ser feita pelo ator/músico Bruno Acosta que a representou tocando uma flauta em cena, inclusive quebrando o código de que a lua sempre seria um elemento feminino. O palco ficou mais vazio e aberto e com uma série de elementos estéticos casando com a dramaturgia e com a escrita de Marina Colasanti.

O espetáculo *Lua de renda* teve mais de 18 apresentações, indo a vários bairros de Rio Grande e visitando as cidades de Guaíba, Itaqui, Rosário do Sul, Rolante, Bagé, Arroio dos Ratos e Gravataí atingindo um público médio de mais de cinco mil pessoas entre crianças e adultos. Infelizmente encerrou suas atividades em 2014, devido à troca de elenco no grupo. Uma peça teatral que é indissociável do exercício colaborativo pelo qual passou, em que todos os envolvidos deixaram suas marcas.

Fig 6 :Em Cena Ludmila Maioli (Odete) Lucas Salabérry (Alcides) Bruno Acosta (Lua) E Lara Lago (Elsinha), Teatro do Sesc de Gravataí, foto Keven Barbosa

4. A INFLUÊNCIA DAS PERSONAGENS FARSESCAS

A comédia dell'arte e os tipos farsescos descendem diretamente das antigas e rústicas comédias Atelanas, onde figuras de máscaras grosseiras se misturavam a diálogos improvisados e sarcásticos. Tempos depois a comédia dell'arte, através das máscaras, apresentava os tipos mais diversos, com repertórios guardados, jogos de cena dinâmicos e inspirados conforme o momento. As personagens são arquétipos vindos das mais diversas províncias da Itália, popularizando no país e em toda Europa o estilo. Ao mesmo tempo podem ser encontradas em toda a dramaturgia universal por suas características representativas de tipos. Ficou popular na Europa e no mundo exatamente por seu maior atributo, que era a ausência de textos e o uso de roteiros de ação (canovaccios). Geralmente os roteiros tinham a ver com casais separados que queriam se encontrar (enamorados), traições, tramas enroladas e a rivalidade entre os Ricos (Vecchi) e os servos (Zanni). Tal foi a popularidade das personagens, que foram conduzidas para as farsas e diversas comédias, inclusive as comédias de costumes. Em Portugal, por exemplo, o Arlequim logo transformou-se no Pedro Malazartes.

Uma das influências intertextuais que fica evidente no espetáculo *Lua de renda* são as características farsescas, tanto na interpretação das personagens quanto em tipificações pessoais. Traço aqui uma referência e paralelos com alguns textos de Molière. As obras do autor, sua sagacidade, a velocidade de suas comédias assim como a necessidade dos jogos farsescos alicerçam e dão fôlego a toda a sua dramaturgia. Nas personagens dos textos do comediante francês, alguns tópicos são evidentes, como a separação entre servos e patrões. Entre ricos e empregados (ou pessoas mais humildes), ou no caso do texto que desenvolvi, entre arrogantes e pessoas simples.

Em cada uma das personagens de *Lua de renda*, é possível estabelecer uma aproximação com alguns tipos da comédia dell'arte e das farsas. Algumas personagens de Molière aparecem com maior evidência, conforme exponho abaixo:

Elsinha: personagem central da história, tem ao mesmo tempo como referência as heroínas clássicas e as enamoradas, personagens que se destacavam por sua delicadeza, sendo geralmente as mais jovens das companhias antigas. Vemos Elsinha em Elisa, filha do avarento Harpagon, sonhadora, mas no caso de *Lua de Renda*, uma moça esperançosa no amor. Ambas as personagens são emaranhadas por convenções sociais e buscam a felicidade do seu jeito.

Fig 7: Lara lago como Elsinha em Lua de renda.

Fig 8 e 9: Lara Lago como Elsinha e uma enamorada das comédias Dell'arte

Maximiliano: sendo cínico, vil e malicioso, é uma personagem criada com a mágica e talento de Elsinha. Entretanto, aos poucos vai mostrando-se um abusador e canalha. Ele reflete algumas características do *Pantalonne*, em seu desejo pelo dinheiro, conforto e aos atributos da vida, vindos sem esforço. Também é pedante como o *Scaramouche,* que brada valentia, mas não passa de um grande fanfarrão. Assim como o Senhor Doutor, é inconveniente, incômodo e sufocante. Lembra o desagradável Harpagon, conforme suas atitudes vão mostrando o que Maximilino é de verdade. Também é possível vê-lo no manipulador Tartufo, se aproveitando das pessoas que o rodeiam.

Fig 10: Marlon Britto em Lua de renda; Fig 11: Senhor Pantaleão; Figura 12: Senhor Doutor.

Dona Odette: Ela representa de forma clara as alcoviteiras que estão inclusas dentro de textos como *O avarento*. Geralmente eram descritas como esposas ou amantes do Arlequim, que não está representado no espetáculo. No caso a personalidade desta mulher é adaptada para um apoio à figura principal. Sempre amiga de Elsinha, sente um antagonismo logo ao conhecer Maximiliano, percebendo com sua experiência que o noivo da tecelã era um abusado bajulador. Durante todo tempo apoia sua amiga, mesmo nos momentos mais conturbados da personagem. Tem um amor mal resolvido e antigo com Senhor Pantaleão. A carismática Frosina de *O avarento* é reconhecida muito facilmente na personagem. É confidente da enamorada, remetendo à Corallina.

Fig, 13 e 14: Ludmila Maioli como Odete (esquerda) Corallina (direita)

Senhor Alcides: Aqui vemos novamente a característica dos enamorados, no caso de um rapaz apaixonado, nobre, que anseia pela atenção da personagem central do espetáculo. Lembra o jovem Leandro, de *O médico à força*, que é apaixonado e bravo, que luta por seu amor. Geralmente nos textos farsescos, se alia ao Arlequim. No texto de *Lua de renda*, tem o apoio de dona Odete e do Senhor Pantaleão.

Fig 15 e 16: Lucas Salabérry como Alcides em Lua de renda e Enamorado (direita)

Senhor Pantaleão: Apesar de seu nome título, não é inspirado no Pantaleonne e sim no Senhor Doutor e principalmente ao Capitão, representando uma classe social mais abastada e com um romance antigo com Dona Odete. Apesar de sua fortuna, é patético e egoísta ao lidar com suas posses. Querendo ser louvado por Dona Odete, lhe dá um presente, mas ela diz que não era necessário. Tenta usar as palavras para acentuar sua arrogância que vai sendo diluída no desenvolvimento do texto. Para ele, presentes e mimos caros são necessários, o que leva a uma discussão. Tenta ser mais do que é, mas não entra na peça como antagonista e sim como alívio cômico. Tem a sua redenção no momento em que percebe que não é o dinheiro que trará a sua felicidade, mas sim a antiga amada. Lembra o senhor Anselmo de *O avarento*, de quem sentimos piedade no final do texto.

Fig 17 e 18: Thierry Dorneles como Pantaleão em Lua de renda e o Capitão

Apesar do paralelo estabelecido entre as figuras cênicas, não posso afirmar que o texto *Lua de renda* seja uma farsa, pois as características do gênero encerram-se nas personagens. Vasconcellos, em seu *Dicionário de Teatro*, cita como características dramatúrgicas da farsa: "Alguns dos recursos narrativos mais comuns são o acaso, os

encontros e descobertas acidentais, as coincidências e as revelações súbitas." (VASCONCELLOS, 2001, p. 90). O eixo principal do estilo, que seriam as confusões criadas por um arlequim, são inexistentes, já que a personagem e suas trapalhadas não existem na trama. O texto *Lua de renda* caracteriza-se mais por ser uma fábula, com seus elementos místicos e fantásticos, mas suas influências intertextuais devem ser destacadas.

5. O EMPODERAMENTO DA PROTAGONISTA FEMININA

Uma influência intertextual a qual eu sempre fui simpático foi a presença da heroína, do poder feminino. Lembro que na minha infância, uma referência forte eram os desenhos animados da Hanna-Barbera, em especial o da equipe dos Superamigos. Vi todos os episódios, tinha todos os brinquedos e acho que comecei a ter contato com gibis antes mesmo de aprender a ler. Neste grupo, por incrível que pareça, minha personagem favorita não era o Superman com sua condição de todo-poderoso e representante da justiça, ou o popular Batman, o cavaleiro das trevas, mas sim a Mulher-maravilha.

Com uma mitologia bem mais interessante para mim, sendo vinculada aos deuses gregos, ela representava quase unicamente todas as mulheres, e simbolizava força, verdade e poder. Apesar da gênese dos quadrinhos apresentar personagens femininas quase sempre submissas, a Mulher-maravilha foi um diferencial. Sim, o poder feminino me era interessante no meio de tantos heróis homens. A figura da heroína, que tem que se afirmar socialmente.

Fig, 19: Evolução da Mulher-Maravilha

Entretanto não sejamos inocentes quanto à criação da heroína. Seu surgimento aconteceu pelas mãos do escritor e também psicólogo Charles Moulton (pseudônimo de William Moulton Marston) tendo sua primeira aventura na revista All Star Comics número 8 de dezembro de 1941. Nos Estados Unidos. Moulton foi o criador do polígrafo e incentivador do movimento sufragista. Interessante que a Mulher-maravilha é ícone

feminista e quem ela amarra é obrigado a dizer a verdade. Entretanto há fatores e pessoas que consideram Moulton fetichista quando mostra as amazonas, (o povo de Diana - Mulher- maravilha), sendo derrotadas no momento em que são amarradas. Diana perde a força quando seus braços são imobilizados e é uma heroína cujo poder é vinculado ao amarrar pessoas (na maioria homens).

O surgimento dela inovou o universo dos quadrinhos da *DC comics* (editora) dominado por Superman, Batman ou Lanterna Verde. Personagens femininas até então constituíam o universo de mães, amigas, namoradas e donzelas em perigo. Contudo, é interessante perceber que nas histórias da sociedade da justiça, a Mulher -Maravilha era relegada a uma secretária que chegava ao absurdo de servir biscoitos. Mas as mudanças vieram com o tempo e felizmente Diana (nome de batismo da princesa das amazonas em honra da deusa romana da caça) hoje é a figura feminina mais importante dos quadrinhos. Ela abriu caminho para outras personagens da *DC comics* e também da *Marvel comics* (editora do famoso Stan Lee), como a Garota- invisível do quarteto fantástico felizmente rebatizada pelo escritor e desenhista John Byrne na década de oitenta.

Quando surgiu, Susan Storm (Garota- Invisível) era apenas uma personagem que podia desaparecer e facilmente se via como refém dos grande e poderosos vilões que combatiam a equipe. Entre desmaios e gritos e uma conturbada gravidez, ela seguiu nos quadrinhos e na década de 80 tornou-se a personagem mais forte do grupo nas mãos do escritor Jhon Byrne que revolucionou vária heroínas. A Garota Invisível foi rebatizada pelo autor como Mulher-invisível, com a força e destaque nos quadrinhos que ela merecia. Sobre essa mudança da personagem, Ed Hammond, editor da *MARVEL COMICS* no Reino Unido comenta:

> Sem viver mais à sombra de qualquer homem, atualmente Sue está em pé de igualdade com seu marido. Aliás, o equilíbrio no relacionamento dos dois quase parece ter pendido para o outro lado. Em algumas ocasiões, o distraído Reed colocou o grupo em perigo com suas experiências científicas e ficou a cargo de Sue tirar o Quarteto da encrenca. Ainda fiel a seu marido e à sua família, ela é o coração do quarteto fantástico e tem uma capacidade quase infinita para demonstrar amor, compaixão e compreensão para sua dedicação ao bem maior. (HAMMOND, 2015, p. 5)

Abaixo podemos ver essa evolução da personagem nos quadrinhos. De um lado, a capa de uma das primeiras edições de *Fantastic Four*, onde ela era apenas uma vítima com a capacidade de ficar invisível. Ao lado, a mulher invisível mais poderosa, independente e com capacidade de batalhar até mesmo com o Incrível Hulk, personagem peso-pesado da MARVEL COMICS.

Fig.20 e 21: Mulher invisível sendo sequestrada (esquerda) e com suas capacidades no auge (direita).

E também foi essa abertura que nos trouxe em Maio de 1975 a primeira personagem feminina negra na figura da africana Tempestade dos X-men, criada por David Cockrum, que logo viria a se tornar a líder do grupo durante toda a história do grupo de heróis mutantes. Tempestade chama a atenção por ter sido uma criança de rua, e na adolescência considerada deusa na África devido aos seus poderes de dominar o clima. Diversos visuais compuseram o estilo de Ororo Munroe (Tempestade), desde o radical Punk sendo a primeira mulher nos quadrinhos a usar cabelo moicano até os estilosos macacão e capa de couro.

> Tempestade é uma personagem que excede seu papel dentro da narrativa; é como um arquétipo que busca inspirar a luta para o empoderamento, para igualdade, para justiça social, e é inegável sua contribuição na desconstrução de vários estereótipos referentes à mulher, posto que dependência e subserviência não são características que lhe marcam. Mesmo durante seus relacionamentos, devoção e submissão não são tratos que os evidenciam, com efeito, Tempestade age com maturidade, por exemplo, ao divorciar-se do Rei T'Challa quando seus deveres se mostram incompatíveis com a postura do seu marido. Claro que, é impossível dizer que Tempestade quebrou todos os paradigmas atinentes a mulher negra, de fato a personagem está associada a estereótipos da mulher negra exótica, mística e sexual. Porém, essa tem sido uma abordagem da qual as linhas editoriais modernas tem procurado se afastar, embora ainda deva-se reconhecer que há um longo caminho a ser percorrido. (MATSUMOTO, 2016)

Fig 22 : Várias faces de tempestade dos X-men

Se personagens femininas ganharam mais poder e espaço nas Histórias em Quadrinhos, o mesmo não aconteceu na literatura infantil. Lamentável ver que várias personagens que vinham dos contos clássicos para crianças são sofredoras dependentes de homens.

Em sua gênese, os clássicos infantis surgiram em sua maioria como aviso às mulheres para que seus comportamentos fossem de acordo com a compostura da sociedade imperante da época. Os chamados contos de fada tinham narrativas tanto para a infância quanto para adultos em um tempo onde não havia preocupação com as crianças e as histórias tinham resoluções sinistras. Muitos são contos que surgem em tempos antigos e foram passados por contação oral.

> A origem dessas histórias vêm de lendas mitológicas, fábulas, contos morais e até mesmo fatos reais. Elas existem no mundo todo, com a diferença que cada uma traz detalhes correspondentes de acordo com o local e a época em que foi criada. (PRADO, 2016, p.7)

Os irmãos Grimm, Perrault, Andersen, etc. aproximaram estas histórias do que conhecemos na atualidade e mais tarde versões mais infantis, simpáticas e adocicadas foram imortalizados por empresas como a Walt Disney.

Cinderela tem a versão mais conhecida contada por Perrault, mas existiram várias e antigas versões ao longo da história. Cinderela acaba por dar nome à síndrome em que a mulher procura o apoio masculino durante toda sua vida, seja pelo pai, marido ou até filhos. A libertação dos borralhos e o caminho para felicidade parte da bondade e

onipotência da figura do príncipe encantado. Após isso, as figuras da madrasta e das filhas tem um final horroroso justificado por seus pecados. As filhas mutilaram seus pés para servirem no sapato e junto com sua mãe, têm os olhos devorados por pássaros. Não um final de perdão, mas de castigo olho por olho.

Os pais da Bela adormecida, felizes pelo nascimento tardio da filha, ofereceram um banquete para as fadas, mas pecaram desprezando a décima terceira pela feiura. No jantar de apresentação da princesa para o reino, foram todas convidadas, mas uma foi deixada de lado, pois os reis não possuíam pratos e talheres de ouro para a fada velha e feia. Indignada, a fada desprezada invoca uma maldição de morte nos quinze anos da princesa. Outra fada se interpõe e diz que Aurora apenas dormirá. A Bela adormecida desobedece seus pais e acaba por furar seu dedo em uma roca. Aurora sangra (simbolizando a primeira menstruação, tornando-se mulher) e cai em sono profundo. Coincidência que se torna mulher e letárgica à espera de um homem no mesmo instante. Ao adormecer, ela é vítima de abuso por um rei que passava por ali e a engravida de gêmeos (sim, em uma relação sem consentimento). As crianças nascem e ao chuparem o dedo da mãe desacordada, retiram a farpa de madeira e ela acorda surpreendendo-se mãe. O rei casado leva Aurora e as crianças ao reino onde a antiga esposa tenta matá-los.

O que dizer então da história de Perrault, *Barba azul*. Nesse texto reafirma-se que estes contos realmente não eram escritos para crianças, ou serviam para aterrorizar, em especial às meninas. Barba Azul começa a história como um pobre homem que era considerado feio por sua barba e que não conseguia ter uma esposa. Seduz uma jovem com graciosidades, presentes e simpatias e casa com ela. Mas numa viagem a negócios entrega à jovem esposa as chaves de toda sua casa, sendo que um aposento não poderia ser visto: "Esta chave pequena pertence ao gabinete que fica no fim do corredor dos aposentos do andar térreo: abre tudo; mas quanto a esse gabinete proíbo-te de entrar nele, e de tal maneira proíbo que, se abrires não há nada que não devas esperar de minha cólera" (PERRAULT, s.d., p. 16). Tal trecho lembra o conto bíblico de Adão e Eva onde a mulher cede a desobediência e perde o paraíso. E é isso o que acontece quando a jovem descobre no quarto proibido os cadáveres das antigas esposas do vilão. Ao retornar de viagem ele percebe a traição e pouco antes de assassinar nova vítima, os irmãos da jovem matam o assassino. Com o dinheiro de viúva, ela alavanca a carreira dos irmãos e como seria o final feliz para uma heroína destes contos, tanto ela quanto a irmã fazem bons casamentos. Final feliz típico. Entretanto esta história quase de horror não é tão conhecida.

Em *A menina da capinha vermelha*, que tem origem nas mãos de Perrault, a menina passa da infância para a fase adulta e tem que lidar com suas responsabilidades.

Pelo pecado de não obedecer a mãe e conversar com um estranho na floresta, ela se torna presa fácil de um lobo fálico e macabro. É uma alusão clara à violência e à sexualidade "... que grandes olhos você tem vovó, que nariz grande você tem vovó"... Em algumas adaptações inclusive, o lobo pede para que a menina se deite nua a seu lado antes de devorá-la.

No caso de *Branca de Neve*, poucas foram as alterações, apenas a omissão das versões em que a madrasta devorou os órgãos que ela pensava serem de sua enteada (canibalismo) e a que o príncipe não beija a princesa, mas a leva desacordada para seu castelo e ela acorda com o trotar do cavalo. O beijo fica por conta da versão açucarada da Disney. O narcisismo é uma força primordial no conto. Segundo Bruno Bettelheim em seu livro *A psicanálise das histórias infantis*:

> O narcisismo faz parte da configuração infantil. A criança deve aprender gradualmente a transcender esta forma perigosa de autoenvolvimento. A estória de Branca de Neve adverte sobre as consequências funestas do narcisismo tanto para os pais como para a criança. O narcisismo de Branca de Neve quase a destrói quando ela cede duas vezes às seduções da rainha que propõe torná-la mais bonita, e a rainha é destruída pelo próprio narcisismo.
> (BETTELHEIM, 2002, p. 217)

Outras figuras femininas mais modernas foram interessantes, como She-Ra e Mônica, entre outras, aproximando-se mais do que eu desejava. Em vários casos, a figura da heroína era potente, e em um estudo literário, é possível ver essa presença desde a Antígona de Sófocles, que representa todas as mulheres fortes de todos os tempos de todas as literaturas. Mulheres fortes e guerreiras. E ao ler o conto de Colasanti, encontrei ali minha potencial heroína.

A costureira seria forte, mas longe de ser perfeita, como todo ser humano, ela teria o direito de ser fútil, carente, esperançosa, iludida. É isso que causa a identificação dela com as pessoas. Ela não é perfeita, busca a felicidade e, ao mesmo tempo, é cobrada pelo mundo que a rodeia. Elsinha representa o lado sentimental não apenas das mulheres, mas de todos nós que temos a busca pelo amor e a crença em um futuro feliz. Entretanto ela deveria ser mais independente e ter uma resolução para a vida diferente das outras princesas citadas.

Elsinha seria uma heroína trágica, mas não se define como tal apenas por um fator: ela não encerra a peça na desdita, ela encerra se reerguendo, mais forte, e depois de tanta dor e humilhação, com a certeza de que precisa se amar primeiro e que o amor só vale a pena se for para somar e não diminuir. Elsinha é Lara Lago, que deu vida a personagem de forma iluminada. Elsinha é todas as crianças da plateia que refletiram sobre seu papel

na sociedade, é todas as atrizes de meu grupo de teatro, todos os que assistiram ao espetáculo, todas as mulheres de minha família, todos os amigos que se enterraram sob um relacionamento abusivo, todos os menosprezados e os abusados. E Elsinha também sou eu.

Fig. 23: Encerramento do espetáculo. Lara Lago, Ludmila Maioli, Marlon Britto, Thierry Dorneles e Lucas Sabérry.

6. O IMPACTO DO ESPETÁCULO

Os espetáculos infantis se conceituam como peças de teatro direcionadas para o público infantil, independendo da faixa etária dos atores do espetáculo. Adultos podem fazer espetáculos para crianças e crianças para os adultos. A maioria dos espetáculos teatrais, por mais suaves e delicadas que sejam as apresentações, não são indicados para crianças em desenvolvimento. Entretanto, o bom espetáculo de categoria infantil ou infanto-juvenil é aquele que por sua excelência consegue agradar a todas as faixas etárias, mexendo com a criança interior do espectador. Infelizmente, esta categoria de espetáculos é vista com muito preconceito pelos próprios atuadores da área. Várias são as peças infantis de qualidade, porém de número expressivamente menor que as adultas.

Os trabalhos infantis são considerados na maioria das vezes menores que os espetáculos adultos, sendo que são formadores de público e é onde ocorre o incentivo também para novos atores. Um grande exemplo da dificuldade dos espetáculos desta área é a reação calorosa e participante da plateia. Enquanto o adulto adquire com seus anos de idade o cinismo e a hipocrisia, a criança, liberta destes fatores, atua como termômetro da qualidade do espetáculo, da coragem dos heróis, da maldade dos nossos vilões e acima de tudo, da verdade da atuação de nossos atores, participando de forma entusiasmada do espetáculo. Mas se a energia dos atores não é verossímil, se o texto não leva a transformação, se a história não é contada/apresentada de forma criativa e inteligente, se a direção artística do espetáculo é coxa e improvisada, a reação nada mais é que a indiferença e o pouco interesse pelo espetáculo. A plateia infantil é a mais difícil de ser conquistada. E é com estas ideias em mente sobre o teatro infantil que tentamos nos aproximar dos espectadores com *Lua de renda*.

Sempre falei que este espetáculo foi uma grande surpresa para mim e retorno a falar. Quando li pela primeira vez o conto, realmente me encantei pela magia, pela delicadeza nas palavras de Colasanti, e como me identificava com aquela personagem em determinado momento de minha vida. Assim como a moça tecelã desfiava os fios entre seus dedos, Colasanti desfiava palavras.

Sabia que havia uma montagem do texto pela companhia “Caixa do Elefante”, de Porto Alegre, mas até hoje não houve a oportunidade de assistir ao espetáculo. Realmente não sei se teria sido uma intertextualidade fundamental no processo dramatúrgico.

Relações intertextuais é que não faltaram neste processo, como leituras da própria autora, assimilações intrínsecas dos contos de fadas e seus arquétipos, personagens da comédia dell’arte e elementos farsescos, passando por artesanatos e texturas e chegando

até minhas próprias relações familiares e particulares. Não só minhas, mas do coletivo do grupo, onde cada um que se juntava, cada um que fazia uma reflexão pessoal sobre os mínimos elementos do espetáculo era ouvido.

Mas principalmente, nosso grande norteador do que estava claro no espetáculo era o público. O envolvimento das crianças com o espetáculo sempre foi surpreendente. Mas não só das crianças, e sim do público em geral. Várias pessoas falaram que já passaram por aquela situação de dominação carinhosa que a personagem Elsinha passava, em que uma pessoa que "apenas pensava nelas" apagava suas características. Assim como todos comentavam que já conheceram alguém opressor e arrogante como Maximiliano. O próprio elenco e pessoas envolvidas foram muito tocados pelo espetáculo e o que ele representava. Segundo Keven Barbosa, ator e contrarregra que acompanhou todo o processo de criação do espetáculo, houve um nítido engajamento em *Lua de renda*:

> Militância que eu nunca presenciei tão forte em um espetáculo para crianças. Como espectador frequente, era perceptível que em cada apresentação o público saiu diferente de como entrou, adulto ou não. Todos os públicos eram envolvidos pela história de uma maneira mágica, não havia adulto que não se reconhecesse na personagem principal, Elsinha. Afinal, quem nunca passou por um relacionamento abusivo? Já por outro viés, as crianças entendiam a moral da história e saiam do teatro com um pensamento diferente sobre a violência contra a mulher, mesmo sem perceber.
> O Diretor/Autor Marlon Britto foi muito feliz pela maneira que concebeu o espetáculo e escreveu o texto, pois trabalhar com temáticas como violência contra a mulher e feminismo não é uma tarefa fácil para trabalhar com crianças, porém ela é extremamente necessária. Muitas crianças/adultos foram atingidas pelo espetáculo, hoje com certeza são pessoas melhores. *Lua de renda* vai muito além de entreter, ela é uma peça militante que luta pela igualdade dos gêneros e contra a violência contra a mulher. Aconselho a todos assistirem. (BARBOSA, 2017)

Assim como Keven Barbosa, aos poucos fomos percebendo a bandeira que levantávamos, e acreditávamos nela. Não é concebível que qualquer pessoa, de forma alguma, sofra a opressão nas mãos de outra. Refletíamos constantemente como era difícil nos amar o suficiente para não deixar tipos como Maximiliano adentrarem em nossas vidas e nos transformarem aos poucos, sem percebermos, até sermos trancafiados em uma torre, apenas como objetos de possessão de outrem.

Falamos sobre o *bullying* praticado nas mais diversas formas. As crianças percebem uma forma de maldade dissimulada e se colocam contra isso. Em uma passagem, onde o cinismo de Maximiliano é claro, ele traz um xale negro para esconder o corpo de Elsinha, que está muito gorda segundo ele. O interessante é que eu, o ator que interpretou o Maximiliano, sou gordo, fazendo com que isso se tornasse mais irônico. A figura da personagem, junto com o texto faz com que seja sublinhado que a mulher é obrigada a ser perfeita, enquanto o homem não precisa passar por exigência alguma e

pode até mesmo ter todos os defeitos do mundo. Em uma das apresentações, ao chamar Elsinha "carinhosamente" de leitoazinha, um aluno foi até a boca de cena como um defensor, com uma postura claramente exaltada e gritou: "Leitão é tu!"

Em uma escola carente da cidade em que apresentamos, a compreensão e envolvimento foi tão grande que a partir de certa parte da peça, tudo que a personagem de Maximiliano falava era vaiado pelas meninas, chegando ao ponto de ser xingado no final da apresentação. E as jovens disseram para a intérprete de Elsinha que ela merecia coisa melhor que aquele "abusado". A diretora da escola nos disse que é exatamente a situação que muitas famílias passam e que foi interessante o modo como as professoras refletiram posteriormente com as alunas em sala de aula. Juliana Ferrari, jurada do espetáculo no Festival de teatro de Rolante, comenta:

> As crianças odiavam aquele vilão, torciam contra, e eu tinha a forte sensação de que as manifestações deles diziam respeito a coisas ouvidas e vividas no ambiente familiar. A adaptação feita por Marlon do texto de Marina Colasanti tinha o incrível dom de trazer à cena as situações mais corriqueiras do cotidiano de uma família inserida em uma estrutura patriarcal, onde o marido abusa da esposa, economicamente, em termos de trabalho, prendendo, requerendo exclusividade, abusando emocionalmente através de palavras que a diminuíam. (FERRARI, 2017)

O teatro cumpriu a sua função mais bela e solene. Reflexão. Não apenas os adultos que assistiram ao espetáculo, mas crianças que vivenciavam essa situação com as famílias ou que poderiam reproduzir esses papéis em suas vidas estavam refletindo sobre um novo papel. Ser o padrão está muito longe do que é necessário para a vida, nos acharmos belos e belas do jeito que somos, isto sim é fundamental. Não preciso ser feliz a partir dos olhos do outro, mas a partir de mim e então me amar e me respeitar. É possível sim, ser feliz sozinho, e se for o caso de um relacionamento, que ele some ao invés de diminuir.

7. CONCLUSÃO

"A moça tecelã" foi um texto que marcou minha experiência como diretor e escritor. Talvez por tamanha beleza dos detalhes que a escrita de Colasanti apresenta, levando a viajar e sonhar, com uma descrição de um universo fantástico, fazendo com que eu tivesse vontade de compartilhar e acrescentar um pouco ao seu mundo.

Quem sabe tenha sido a oportunidade de, a partir do conto, criar personagens que tiveram uma complexidade que poucas vezes eu vi em uma dramaturgia para crianças, inclusive me levando a cena para executar uma das personagens preferidas de minha vida? Aqui uma das grandes influências se destaca. Além de Colasanti, Molière se junta a nós. Suas personagens tipo de *O avarento, O médico à força* e *Tartufo* estavam ali, nos exercícios, nos arquétipos, nos movimentos suaves das mãos, nos jogos ágeis de cena. Um casamento resultando no corporal da composição das personagens que afetou completamente a dramaturgia.

Com certeza o fato que mais se destaca nessa paixão foi o envolvimento social que o texto/espetáculo ofereceu ao meu grupo e a mim. Sem percebermos, criamos uma obra militante, que sensibilizou e emocionou não apenas crianças, mas muitos adultos que reviram algumas relações de suas vidas.

> Um texto teatral tem de ser livre o suficiente para prender. Por mais contraditório que isso possa parecer. Oferecendo liberdade em forma de arte é que se consegue formar pensadores, estimular reflexões, derrubar conformismos e transmitir a noção fundamental de que não há limites para viver com intensidade. Quanto menos possível for a criança de ser manipulada e domesticada, mais saudável ela será sempre, durante toda sua vida. (CARNEIRO NETO, 2003, p. 9)

.

Esta montagem foi um espetáculo atualíssimo, mas destaco principalmente como foi adorável viver uma montagem tão rica de intertextualidade. Não só as referências que eu trazia, mas de personagens e textos conhecidos. O meu pensamento ficou mexido, pois acho que não me percebia tão militante em nenhum trabalho anterior.

O espetáculo assumiu uma face crítica à misoginia, fazendo com que vários elementos de minha vida e de conhecimentos antigos se erguessem. Conforme cogitei no primeiro capítulo, percebo a memória de um escritor como um grande fichário, com informações diversas e que nem sempre são perceptíveis. Realmente, até o desenvolvimento desta obra, não havia percebido como até mesmo eu, fã de clássicos infantis, tinha um tanto de negação pela liberdade que vem da solidão da protagonista.

Acho que, no fundo, não acreditava que era possível ser feliz sozinho pois somos criados para constituir um lar, uma família.

Mesmo que uma destas fichas que busquei na memória tenha sido o batismo do casal de enamorados com o nome de meus avós, um casal que me inspirou ao amor, a vida traz muitas decepções e o universo não é simplesmente o sapato que serve e devemos saber andar descalços após a meia- noite. Quem sobe as tranças pode ter qualidade de alpinista mas talvez não tenha valor como pessoa.

Ao mesmo tempo, em sua gênese, Elsinha seria mais que uma simples mocinha indefesa. Ela seria a minha "Mulher-Maravilha" e todas as outras super-heroínas de quadrinhos com as quais cresci e admirei.

Aqui percebo como a análise de Kristeva sobre autoria de textos está corretíssima, não apenas no momento da leitura de uma obra, mas também na sua criação. Quando criei *Lua de renda*, estava em uma transição, uma mudança de vida radical, um momento de compreensão e decepção com o mundo e as pessoas, tentando acreditar ainda no amor. Talvez por isso, ao estrear o espetáculo, a costureira tenha ficado com quem gostava dela de verdade. No fundo, esse era meu desejo.

Mas assim como eu, no decorrer do tempo e amadurecimento do texto/espetáculo, foi percebendo-se que a heroína não precisaria disto.

A costureira é uma heroína diferente. Começa triste, frágil. Entra numa espiral de busca do relacionamento perfeito e enfim percebe-se numa situação cruel e toma as rédeas de sua vida, primeiro descosturando o homem que antes achava perfeito e depois, contrariando toda a sociedade querendo ficar sozinha. Diferente da Cinderela, da Bela adormecida, da Branca de neve, esta "mocinha" preferiu estar sem príncipe.

9. BIBLIOGRAFIA

ANDERSEN. *Clássicos da infância*: contos de Grimm. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

BARBOSA, Keven. Lua de renda. Rio Grande, 7, jun. 2017. Entrevista concedida a Marlon Britto.

BETTELHEIM. Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CARNEIRO NETO, Dib. *Pecinha é a vovozinha*. São Paulo: DBA, 2003.

CEIA, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL), coord. de Carlos Ceia. "Citação". Disponível em <http://www.edtl.com.pt>, acesso em 07-fev-2018.

COLASSANTI, Marina. *Um espinho de marfim e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

FERRARI, Juliana. Lua de renda. Rio Grande, 3, fev. 2018. Crítica teatral não publicada concedida a Marlon Britto.

GRIMM. *Clássicos da infância*: contos de Grimm. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

HAMMOND, Ed. Prefácio. In: BYRNE, John. *Mulher Invisível*: o despertar da Mulher Invisível. São Paulo: Salvat, 2015.

MOLIÈRE. *Tartufo; Escola de mulheres, O Burguês Fidalgo*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MOLIÈRE. *O avarento*. Rio de janeiro: Ediouro, 1996.

MOLIÈRE. *O médico à força*. São Paulo: SM, 2009.

MATSUMOTO, Satoru. Ororo Munroe, muito mais que uma personagem de quadrinhos. Disponível em: <*http://www.jornalarcadas.com.br/ororo-munroe-muito-mais-que-uma-personagem-de-quadrinhos/*>. Acesso em: 7 fev. 2018.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*: história, teoria e crítica. São Paulo: EDUSP, 2000.

PRADO, Júlia. Histórias maravilhosas: descubra porque os contos infantis encantam gerações e fazem sucesso até hoje. *A verdade por trás dos contos de fada*, Bauru, n.3, p. 7, ano 2, 2016.

PERRAULT. *Clássicos da infância*: contos de Grimm. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. *Dicionário de teatro*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

Anexos

9.1. O conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti

A Moça Tecelã

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor de luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava. Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos de algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela. Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza. Assim, jogando a lançadeira de um lado para o outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias. Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao seu lado. Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta. Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida. Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade. E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar. - Uma casa melhor é necessária, -- disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer. Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente. – Para que ter casa, se podemos ter palácio? – perguntou. Sem querer resposta, imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata. Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira. Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

- É para que ninguém saiba do tapete, -- disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: -- Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos! Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo. Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear. Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e, jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer o seu tecido.

Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela. A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu. Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

Marina Colasanti

9.2. A dramaturgia de *Lua de renda*

LUA DE RENDA

Elzinha (E)
Seu Alcides (A)
Dona Odete (O)
Pantaleão (P)
Maximiliano (M)
Lua (L)

(Público entra enquanto Elzinha costura por um tempo. Sai de cena)
Cena01
Alcides – (chegando) Botões, rendas, aviamentos, tecidos de todas as cores, hmmm... Dessa vez eu acho que trouxe tudo. Senhorita Elzinha, senhorita Elzinha!
Elzinha – Olá Seu Alcides!
Alcides – Olá Elzinha, como vai?
Elzinha – Bem como Deus manda, vivendo um dia após o outro.
Alcides – (Segura a renda) Que lindo Elzinha, o que é?
Elzinha – Este aí é meu véu para o casamento!
Alcides – (chocado) A senhora vai se casar?!
Elzinha – Não seu Alcides, mas quem sabe algum dia... Então, trouxe aviamentos novos?
Alcides – Claro, claro. Os mais bonitos para a minha cliente favorita.
Elzinha – E o preço?
Alcides – Em cinco vezes...Dez?...Quinze?...Vinte?
Elzinha – Sem juros?
Alcides – Sem juros Elzinha, como sempre.
Odete – Elzinha!
Elzinha – Olá dona Odete!
Odete – Como está minha querida? Eu trouxe o tecido para o meu vestido novo.
Elzinha – Ótima dona Odete, pode deixar, o seu vestido vai ficar pronto amanhã como o prometido.
Odete – Eu já ia esquecendo, chegou esta cartinha para ti. (percebendo Alcides enquanto Elzinha lê a carta) Seu Alcides! Como vai?
Alcides – Vou bem e a senhora?
Odete – Vou bem também
(Elzinha chorando)
Odete – Mas o que foi Elzinha? O que aconteceu?
Elzinha _ Eu sou tão sozinha dona Odete, é muito triste essa solidão. Eu não tenho pra que costurar, eu não tenho pra que fazer alguma coisa...
Alcides – Ah Elzinha, eu odeio te ver desse jeito. Tu és a melhor costureira que conheço.
Odete – Do mundo seu Alcides, do mundo!
Alcides – Eu acho que poderias costurar qualquer coisa, qualquer coisa!
Elzinha – Tem certeza seu Alcides?!
Odete – Mas é claro que tem, eu acho que poderias costurar inclusive um marido! Não é seu Alcides?
Elzinha – Marido?
Alcides – Marido?!
Pantaleão – (entrando repentinamente) Marido!!
Elzinha, Alcides e Odete – Seu Pantaleão? (Odete disfarça)

Pantaleão – Como estão vocês? Eu depois de uma longa viagem vim aqui na casa de Elzinha para mandar fazer uma casaca nova... explico: desejo casar! Eu quero uma noiva bonita...que tenha mais ou menos a minha idade...e que seja trabalhadeira, assim como eu! Afinal, eu tenho que ter com quem dividir a minha fortuna!
Odete – "Afinal, eu tenho que ter com quem dividir a minha fortuna" Olha aqui seu Pantaleão, não pensa que vai conquistar alguém por causa do seu dinheiro!
Pantaleão – Odetinha, depois de tanto tempo, é você?
Alcides e Elzinha – Odetinha?
Odete – Odete! Odete!
Pantaleão – Odetinha, lembra aquela vez na praça a noite?
Odete – Não!
Pantaleão – De baixo de uma goiabeira?
Odete – ...não.
Pantaleão – Onde nós demos o primeiro beijo?
Odete – Ahh não, eu não lembro de nada!
Elzinha – Dona Odete, eu não sabia que a senhora gostava de goiaba! (Elzinha e Alcides riem)
Odete – E não gosto de goiaba, mas voltando ao nosso assunto, poderias costurar inclusive um marido, não é seu Alcides?
Alcides – ...É, eu tenho muita coisa pra fazer na loja, eu acho que deixei a porta aberta, o gato na rua e o feijão no fogo! Até mais!
Pantaleão – Minha goiabinha, minha pitchulinha! Então, nos encontramos na praça hoje à noite?
Odete – Hoje é noite de lua cheia...não vou!
Pantaleão – Alcides! Tocarás para mim esta noite! Ela se faz de difícil mas eu sei que vai! (sai)
Odete – Eu não vou!
Elzinha – Dona Odete, a senhora reencontrou seu primeiro namorado... e eu aqui, solteirona.
Odete – Não fica assim minha querida, bom... eu já vou indo porque tenho que me arrumar pro encontro.
Elzinha – Que encontro dona Odete?
Odete – Meu encontro com... com a vassoura, é isso, pra arrumar a casa! Tchau querida!
Elzinha – Mas precisa se arrumar pra limpar a casa?

Cena 02

(Cena da renda, entra Alcides tocando violão, seu Pantaleão e dona Odete, se encontram, Pantaleão beija gentilmente sua mão)
Pantaleão – Olha só Odetinha, a lua está como no mesmo dia que nos beijamos a primeira vez! (vai beijar Odete são interrompidos por Alcides)
Alcides – Dona Odete! Seu pantaleão! Olha a lua, ela está...linda.
(música, entra a lua)
Lua – Ah, mas que renda mais linda! Muito obrigado Elzinha (cochicho) O que? Ah Elzinha, namorar não é tudo no mundo (cochicho) O que? (cochicho) Sempre tem um sapato velho pra um pé cansado! Hahaha Elzinha, eu estou tão feliz com essa renda, mas tão feliz, que vou lhe dar um presente! A partir de agora todas as tuas costuras, que todos já dizem serem mágicas, serão mágicas mesmo! Poderás costurar tudo o que quiseres. Até logo!
(Lua sai)

Cena03

Odete,Alcides,Pantaleão – (os três entram na casa de Elzinha) A lua está rendada!
Alcides – E a renda é de mulher casada
Pantaleão – A cidade deve estar impressionada!

Odete – E o meu coração é de goiabada!
Alcides – A Elzinha ficará encantada!
(Elzinha entra)
Odete,Alcides, Pantaleão – Elzinha!
Elzinha – Estou ocupada!
Odete – Elzinha, tu não vais acreditar no que aconteceu!
Pantaleão – A lua que sempre pareceu uma bola de cera
Alcides – Ou um queijão bem grandão
Odete – Parecia uma toalha de mesa
Pantaleão – Toda rendada e bordada
Alcides – De derreter o coração!
Elzinha – É porque fui eu que coloquei a renda na lua, ela não ficou linda?
Odete – Ela ficou maravilhosa Elzinha!
Alcides – Além de bonita e talentosa, tu és muito bondosa, com essa lua no céu todos na terra ficarão encantados!
Odete – (no ouvido de Alcides) Vai lá! Aproveita e fala pra ela!
Alcides – Senhorita Elzinha, eu...
Elzinha – O que?
Alcides – Eu...
Elzinha – O que foi?
Alcides – Eu...
Elzinha – Mas o que foi Alcides?
Alcides – Tenho que tomar o café!
Odete – Nunca vi tão pastel.
Pantaleão – Nem eu sou tão lerdo assim.
Alcides – Eu já vou indo Elzinha, afinal eu deixei a porta aberta...
Odete,Pantaleão – O gato na rua e o feijão no fogo!
Alcides – É... adeus
Elzinha – Espera seu Alcides, eu tenho uma coisa aqui que o senhor vai gostar (procura na caixa) Um peixe!
Alcides – A senhorita foi pescar?
Elzinha – Não seu Alcides, eu costurei. E caso o senhor sinta sede (procura) uma garrafa de leite
Alcides – Mas onde tem vacas por aqui Elzinha?
Elzinha – Não tem vaca nenhuma, eu costurei. E para a sobremesa (procura) um delicioso pudim
Odete,Pantaleão,Alcides – Pudim!!
Elzinha – Mas esse aqui é do seu Alcides. Bom proveito e desconta tudo isso das minhas prestações viu!
Odete – Vai deixar ele ir embora?
Pantaleão – (a parte com Odete) É impressão minha ou o seu Alcides se derrete pela Elzinha
Odete – É claro que sim, mas a Elzinha não enxerga um palmo na frente do nariz
Elzinha – (chamando atenção) Vocês poderiam me dar licença? Eu tenho muita coisa pra costurar, não posso ficar de fofoquinha!
Odete – Menina boba! Abre o olho Elzinha! Vem goiabão!
(saem e Elzinha fica só)
Elzinha – Agora eu sou a melhor costureira do mundo, eu já sei costurar peixe, leite e pudim... mas eu não sei o que costurar aqui dentro pra remendar esse buraco no meu coração...hm...quem sabe um companheiro

Cena04

(Elzinha costura, Alcides, Odete e Pantaleão cantam)

Luar rendado vem e traz um namorado
Um príncipe encantado que viva só pra mim
Luar de renda vem e traz uma oferenda
Pra mim quase uma lenda com cheirinho de jasmim
Estou tão só nas linhas dessa vida
Costureira iludida com vazio no coração
Que ele venha bem gentil e apressado
Que só queira estar casado como a cava e o botão
Que ele venha bem gentil e apressado
Que só queira estar casado
Como a cava e o botão
Pantaleão – (canto do palco enquanto Elzinha dorme) Minha goiabinha, minha lindinha! Olha só o que eu trouxe pra você
Odete – Um presente? Pra mim? (Pantaleão mostra o anel) Ah que lindo pantaleão, mas não precisava
Pantaleão – Como assim não precisava? Gastei uma fortuna para dizer que não precisava?!
Odete – Eu estava querendo dizer que não precisava ter gastado teu rico dinheiro em um presente tão caro! Seu...estúpido! E não fala mais comigo!
Pantaleão – Estúpido!...Estúpido? Ah, estúpido não, Odetinha!!!
Cena05
(Musica tensa, aparece Maximiliano)
Maximiliano – (chamando atenção) Olha só quem está aqui, eu, Maximiliano, teu noivo!
Elzinha – Encantada!
Maximiliano – Mas que linda e que belo vestido!
Elzinha – Fui eu mesma que fiz
Maximiliano – E o que é aquilo lá?
Elzinha – É a minha máquina de costura, é onde eu costuro tudo que eu quero
Maximiliano – Então nós vamos pôr a primeira aqui, a segunda ali, a terceira lá, um pouco de reboco, um puxadinho e...
Elzinha – Mas o que é isso Maximiliano?
Maximiliano – Ora, as paredes de minha casa, ou acha que vou morar em uma casinha? Eu quero um casarão!
Elzinha – Um casarão?
Maximiliano – Não, eu quero um castelo!
Elzinha – Um castelo?!
Maximiliano – É claro, afinal, eu mereço! Agora coraçãozinho...costura pra mim!
Elzinha – Eu?!
Maximiliano – É claro, ou pensas que sou eu que vou costurar? Mas antes, olha pra mim, eu estou tão esbudegado, tu poderia ao menos costurar um, um...
Elzinha – Um colete?!
Maximiliano – Isso! Um colete! Azul da cor do céu, pra combinar com o meu bigode. Vamos Elzinha!
(Elzinha costura o colete e o castelo)
Maximiliano – É, podia ser um pouco melhor. Faltou um pouco de capricho, poderia melhorar em algumas coisas afinal, tu fez com tanta pressa, mas por agora, está bom. Elzinha, eu quero que todos vejam o meu lindo castelo e tu vais organizar um baile para a fina flor da sociedade. Agora, eu quero conhecer a cidade, mas olha só para as minhas pernas frágeis e delicadas. Costura um meio de locomoção pra mim.
Elzinha – Um ponto, dois pontos, três pontos
Costuro um botão, um pouco de lã, costuro um alazão
Veloz como ele só, forte como um trovão

Corre sem dar nó e meu amigo do coração
(aparece o cavalo)
Elzinha – E tu vais te chamar Alfredo! (Alfredo comemora) Alfredo, vá com o Maximiliano conhecer a cidade (Alfredo se nega) Vai sim! (nega) Ah, mas vai sim! Não me faz passar vergonha Alfredo, ele é meu noivo! (Alfredo aceita)
Maximiliano – Olha só Alfredo, já vou avisando que sou um homem delicado e...Alfredo...Alfredo para...Alfredooo...(sai galopando)
Elzinha – E esse Maximiliano é tão formoso! Um pouco preguiçoso, afinal eu costurei esse castelo toda sozinha e ele me deixou com calos nos dedos, é muito pesado, se ele...
Cena06
Odete _ Ai,ai,ai.(sofrendo exageradamente)
Elzinha – Olá dona Odete! As dores voltaram?
Odete – Ah minha querida, pioraram! Além do meu pezinho, canela, joelho, quadril e o bumbum... está tudo dilacerado aqui dentro!
Elzinha – Mas o que foi dona Odete?
Odete – Eu e o goiabão...nós brigamos. Mas eu não quero falar sobre isso. Eu vim te falar que andam comentando pela cidade que encontraste um namorado
Elzinha – Não é namorado dona Odete, é noivo. O Maximiliano.
Odete – Então é verdade?! Também falaram de um tal castelo perto da tua casa
Elzinha – É aquele ali, o Maximiliano pediu pra eu costurar, então eu fiz!
Odete – Que lindo Elzinha!
Elzinha – Dona Odete eu preciso da sua ajuda
Odete – Pode falar minha querida
Elzinha – Eu preciso organizar um baile, para mim e o Maximiliano.
Odete – UM BAILE?! Pode deixar minha querida, eu vou te ajudar com esse baile. Vou convidar todos na cidade, eu vou convidar o prefeito, o padeiro, o joalheiro, primeira, segunda, terceira dama. Ah, esse baile vai ser uma maravilha. Todos na cidade vão ir!
Elzinha – E o seu pantaleão dona Odete?
Odete – É, quase todo mundo! Bom querida eu já vou indo, olha só, até as minhas dores passaram! Ah um baile, a quanto tempo não tem um baile na cidade.
Elzinha – É, eu estaria bem melhor se o Maximiliano ficasse aqui comigo, me ajudando em todos os afazeres. Afinal, é tão triste trabalhar sozinha...
Cena07
(Maximiliano volta)
Maximiliano – Ô cavalo danado, depois nós nos entendemos. (cavalo ri) mas olha só, que preguiçosa, está dormindo. Elsinha! Elsinha!
Elzinha – Ah Maximiliano, era muita coisa pra fazer
Maximiliano – Que muita coisa pra fazer
Elzinha – Era o vestido da dona Odete (Maximiliano resmunga) terminar uns detalhes do castelo (resmungando) era os afazeres do baile...
Maximiliano – O baile!
Elzinha – Sim, é hoje a noite!
Maximiliano – E eu não tenho nada pra vestir! Rápido Elzinha, me faz uma bombachinha! (Elzinha costura) Agora uma casaca!
Elzinha – Que cor a casaca Maximiliano?
Maximiliano – Tangerina!
(Odete entra)
Maximiliano – (fora de cena) Uma peruca!
Odete _ Uma peruca!
Elzinha – Olá dona Odete! O Maximiliano voltou de passeio e começou a pedir tanta coisa que eu... eu esqueci o seu vestido.
Odete – Não tem problema querida, eu escolho outro pro baile...

Elzinha – Mas eu tenho um presente
Odete – Um presente? Pra mim? (Elzinha entrega um leque) Que lindo Elzinha! Ele combina até com o meu vestido, muito obrigada amiga!
Maximiliano –Parem tudo! (Maximiliano entra) Estou lindo ou não estou? Ah Elzinha, olha só pra ti, toda desarrumada.
(sai Elzinha de cena).
Odete – Não amiga, esse eu não gostei, coloca aquele com brilhos... não, não, coloca aquele outro que é mais colorido
Maximiliano – (chama atenção)
Odete – Só um pouquinho... não minha amiga, aquele outro que realça os teus olhos, o teu sorriso
Maximiliano – Mas o que que é isso?
Odete – Ah, prazer, sou a Odete, a melhor amiga da Elzinha!
Maximiliano – E eu sou o Maximiliano, o noivo de Elzinha.
Odete – Muito prazer (abre o leque).
Maximiliano – Oh! Mas isso é tão lindo!
Odete – Não é? Foi a Elzinha que fez. Ah essa menina tem mãos de fada, tudo que ela faz fica lindo!
Maximiliano – É muito lindo... e deveria ser meu!
Odete – Mas ela deu de presente pra mim
Maximiliano – Não, mas ele é lindo e deveria ser meu, meu, meu.
Odete – Se é tão importante pra ti (entrega a ele) toma. Seu egoísta. (Odete sai)
Maximiliano – É a minha cara. Espera aí, se todos na cidade ficarem sabendo que a minha costureira faz tudo que eu quero eles vão querer que ela faça coisas para eles também. Isso não. Tenho que dar um jeito de esconder Elzinha no baile. Tchutchuquinha? Está pronta?

Cena08

(Elzinha entra, Maximiliano a esconde com um tecido, acontece o baile)
Maximiliano – Porcaria, porcaria, porcaria de baile! Nenhuma pessoa rica e fina apareceu.
Elzinha – Ora, o que tu estás reclamando Maximiliano?! Eu não te vi tocando em uma agulha sequer.
Maximiliano – Eu?! Trabalhando? Mas tu só podes estar maluca! Se tu precisares de alguém pra comandar o teu trabalho, pra te dizer o que fazer, então tudo bem. Agora trabalhar?! Chega a me dar coceiras
(Pantaleão entra)
Pantaleão – Elzinha eu vim saber se a minha casaca já está pronta.
Maximiliano – Opa opa, sinto cheiro de riqueza.
Elzinha – Olá seu Pantaleão, com toda a organização do baile eu esqueci de terminar tua casaca... mas por que o senhor não veio no baile?
Pantaleão – A minha goiabinha e eu brigamos, e ela disse que eu sou um estúpido.
Maximiliano – Mas que mulher louca! Olha só, perder um partido desses...um homem alto, forte, bonito e ainda por cima...podre de rico! (Pantaleão chora) Ora Tampaleão, vem cá e me conta o que aconteceu.
Pantaleão – A minha goiabinha brigou comigo (chora)
Maximiliano _(Começa a consolar Pantaleão) Calma seu pantaleão... Elzinha rápido, vai lá e faz um chá pro homem.
Elzinha – Claro, eu tenho de camomila, cidreira, chá preto...
Maximiliano – Pode ser até de cocô de coelho, mas faz logo esse chá. Calma seu Tampaleão, pra tudo tem solução.
Pantaleão – Eu quero a minha Odetinha.
Maximiliano – Ah, isso é um problema.
Elzinha – Calma seu P, eu vou falar com a dona Odete está bem?

Maximiliano – O que o senhor quer com a Odete, aquela pobretona! Eu vou te apresentar umas ótimas viúvas ricas, casamento com pobretona não existe.
Pantaleão – Fala pra ela Elzinha que meu coração tá que nem goiabeira no inverno, sequinho, sequinho. (Pantaleão sai)
Meu coração, feito um botão
Tá achatado, está furado
Foi a Odete por minha culpa
Equivoquei minha conduta
Fui muito rude, um abestado
Fui uma droga de namorado.
Meu coração feito um botão
Tá achatado, está furado
Fui muito rude, um abestado
Fui uma droga de namorado.
Mas minha dama em algum momento
Já gostou de um rabugento
Acostumado o tempo inteiro
Meu coração feito um botão
Tá achatado, está furado
Falei bobagem pra minha amada
A goiabinha ficou magoada
E no passado eu a perdi
E nunca mais eu fui feliz
E nunca mais eu fui feliz....(sai)

Maximiliano – Ô tampa...Elzinha!
Elzinha – O que?
Maximiliano – Cadê o rico?
Elzinha – Ele foi embora porque ele estava triste por causa da dona Odete
Maximiliano – Elzinha, mas tu é uma tonga! Justo agora que um rico entra nessa casa tu consegue fazer ele ir embora! E agora só por causa disso eu quero um mimo.
Elzinha – Um mimo Maximiliano?
Maximiliano – É, eu quero uma coisa bem simples... eu quero asas!
Elzinha – ASAS?!
Maximiliano – Asas...(Elzinha costura) Afinal sou tão bom para ti. Eu mereço.
Elzinha – Aqui estão elas!
Maximiliano – Ótimo!
Elzinha – E agora espere só um pouquinho que eu vou fazer as minhas!
Maximiliano – O que?
Elzinha – Eu vou fazer as minhas asas, porque eu vou junto
Maximiliano – Mas bem capaz! Vais ficar aqui no chão, costurando. Afinal eu sou um homem fino e caro. Preciso de algumas coisinhas. Eu quero uma carruagem, uma piscina no fundo do castelo para me refrescar no verão, uma coleção de sapatinhos coloridos, uma cuequinha dourada...E não reclama, onde vais arrumar coisa melhor.
Cena09
(Maximiliano sai, Elzinha fica costurando, entra dona Odete)
Odete – Coitadinha da Elzinha, passa dia e passa noite e ela ali, costurando pro Maximiliano....
Maximiliano – Cadê a minha carruagem!(de fora)
Odete – Faça chuva ou faça sol...
Maximiliano – E a minha piscina?
Odete – E ele sempre pedindo mais coisas!

Maximiliano – Meus sapatinhos!
Odete – Abusado!
Maximiliano – E minha cuequinha dourada
(Maximiliano entra)
Maximiliano – Olha só quem voltou de viagem...
Elzinha – Maximiliano!
Maximiliano – Ah ta, ta, ta, sem beijinho porque está quente e eu estou cansado. Pra tu veres que teu noivo pensa em ti, trouxe uns presentinhos. Vamos colocar essa tiara para disfarçar esse teu cabelo que mais parece uma palha de milho. Agora um xale para disfarçar esse vestido de remenda...
Elzinha – Mas é meu favorito.
Maximiliano – Eu acho ele horroroso! Ele te deixa redonda como um repolhinho, um nabinho, um...bumbum de batata! Melhor ainda, pareces até uma leitoazinha! Ora coraçãozinho, esquece o passado, olha que homem lindo e maravilhoso que agora tens na tua vida.
Elzinha – Bumbum de batata? Mas o Maximiliano quer meu bem, e eu não faço nada direito mesmo.
Maximiliano – Elzinha, quero te dizer uma coisa: eu acho que não gostas de mim.
Elzinha – Mas...
Maximiliano – Shhh! Não ama, não ama, não ama! (desata a chorar)
Elzinha - Maximiliano, para. Me conta, baixa esse pezinho...
Maximiliano – Não baixo, sua malvada, bandida!
Elzinha – Maximiliano, fala de uma vez, o que tu queres?
Maximiliano _ Eu quero só uma coisinha...um jardinzinho. Um jardim de flores de ouro, de todos os quilates, que só eu vou ver, só eu vou cheirar, só eu vou tocar, só eu, só eu. Se gostas de mim de verdade, vais fazer. (Elzinha costura) Até por que tu não me dá um mimo sequer, logo pra mim, que sou tão bom pra ti.. (começa a choramingar)
Elzinha _ Pronto Maximiliano, aqui está seu jardim. (abrem o tecido com flores)
Maximiliano – Nossa, Elzinha, que lindo!
Elzinha _ Verdade não é?
Maximiliano – Até que enfim tu fez uma coisa que preste! (sentam enquanto Maximiliano cheira as flores)
Elzinha _ O que eu devo fazer de janta hoje?
Maximiliano_ Ãrram...
Elzinha _ Vamos passear amanhã?
Maximiliano_ Ãrram
Elzinha _ Gosta do meu sapato?
Maximiliano_ Ãrram...
Elzinha _ ... E se eu sair com a blusa do avesso e macarrão na cabeça com um tomate no pescoço?
Maximiliano _ Tomate, ârram...
Elzinha _ Ele concorda com tudo o que eu falo, e não consigo confiar em gente assim.... sabe Maximiliano, amanhã nós vamos passear pela cidade, para todos nos verem de mãos dadas...
Maximiliano _ Claro, de mãos...o que? Passear para todos verem minha costureira que faz tudo o que eu quero? Mas não mesmo! Sabe Elzinha, estava pensando, eu ando sendo bom demais para ti, te dando mimos demais, sendo carinhoso demais. A partir de agora, vais ficar aqui,, na torre mais alta do meu castelo, apenas costurando para mim, fazendo presentinhos, afinal, eu mereço. (gargalha)

Cena 10

Pantaleão _ Por favor, Odetinha.
Odete _ Para, Pantaleão, não quero te escutar.

Pantaleão _ Mas eu te amo Odetinha. Geralmente as pessoas se aproximam de mim por causa do meu dinheiro e eu acabo sendo meio grosso. Por favor, me desculpa.
Odete _ Ai, Goiabão, não faz essa carinha que eu me derreto todinha. Não consigo ficar brava contigo. (vão se beijar) Pantaleão, olha, a Elzinha está presa na torre.
Pantaleão _ E eu não consigo subir lá.
Odete _ Nem eu, olha o tamanho da minha bunda. Pantaleão, a Elzinha, vai buscar ajuda. (Pantaleão sai) Calma, já está vindo ajuda.

Cena11

Alcides _ (Entrando empurrado por Pantaleão) Para, Pantaleão.
Odete _ Olha o que o Maximiliano fez com ela Alcides.
Alcides _ (chocado) Ninguém faz isso com a minha Elzinha!
Maximiliano_ (entrando) Opa, como assim, que história de minha Elzinha, a costureira é minha!
Odete_ Seu abusado, não deverias ter feito isso com a Elzinha.
Maximiliano _ Ora bolas,, a costureira é minha, e tu, não te metas, Bunduda!
Odete _ Oh, faz alguma coisa goiabão
Pantaleao _ Seu malvado, pois eu te desafio para um duelo. Com ele!
Alcides _ Eu?
Pantaleão _ Sim, e podes escolher as armas!
Maximiliano _ Pois eu escolho: agulhas!
Alcides – Tudo bem, eu tenho a minha.
Maximiliano – E eu, a minha! (mostra uma agulha enorme, começam um duelo. Alcides foge e em um ataque de Maximiliano levanta Pantaleão que aponta para cima, Maximiliano se distrai e Pantaleão rouba a agulha. Maximiliano fica covarde e sai fugindo de Alcides)

Cena12

Alcides _ Elzinha, posso subir?
Elzinha _ Suba pela fita (ele escala enquanto Odete coloca o boneco dele na torre)
Odete _ Meu herói... Ah, não Goiabão, nada de ciúmes...(sai)
Elzinha _(torre) Alcides, o que estás fazendo aqui?
Alcides _ Elzinha, estás feliz?
Elzinha _ Acho que sim.
Alcides_ Mas olha o que o Maximiliano fez. Ele não é um bom, noivo....
Elzinha _ Mas ele quer o melhor para mim, ele exige que eu costure melhor, que eu esteja mais bonita, que eu emagreça...espera aí! Onde estou eu? Ele não gosta de mim, ele me mudou.
Alcides _ Mas tem gente que gosta de ti como tu és.
Elzinha _ (enfim percebe as atitudes de Maximiliano) Malvado, abusado, bandido!
Alcides _ Eu?
Elzinha _ Não, ele. Até logo, Alcides. (sai Alcides e Elzinha sai da torre. Elzinha descostura tudo que havia feito. Castelo, objetos, roupas)
Maximiliano _ (entrando, tentando ser manipulador) Calma Elzinha, não é bem assim, vamos conversar.
Elzinha _ Pois se eu costurei um noivo chato, egoísta, eu posso descosturar. Primeiro a perna.
Maximiliano _ Minha perninha.
Elzinha _ Os braços.
Maximiliano _ Ai, não!
Elzinha _ A barriga bem redonda.
Maximiliano _ Minha barriguinha.
Elzinha _ ...E a cabeça!
Maximiliano _ Eu não mereço isso.

(Maximiliano some, Elzinha senta-se triste e Odete vai consolar. Odete chama Alcides com um assobio, que entra empurrado por Pantaleão que dá a mão para Odete.)

Cena13

Alcides _ Elzinha, todas as coisas que fizestes, toda essa magia, não veio da lua, veio dos teus lindos dedos.

Odete _ Ai, agora a Elzinha vai ficar com o Alcides.

Elzinha _ Não.

Alcides, Odete e Pantaleão_ (chocados) Não?

Elzinha - Antes de amar outra pessoa, quero aprender a amar a mim mesma. (Alcides fica triste) O senhor me espera, Alcides?

Alcides _ Claro que espero.

Todos_ (música)

Luar rendado que me trouxe um safado
Era um tostão furado que viva só pra si
Luar de renda vem que falo sem emenda
Que todo mundo aprenda que existe gente assim
Estava só nas linhas dessa vida
Costureira iludida
Esperando um namorado
Agora sei que um coração rasgado
pela sua própria mão
tem que ser costurado.
Agora sei que um coração rasgado
pela minha própria mão
tem que ser costurado..

fim

9.3. Folder da Peça
(frente e verso)

Cia. Teatral Era Uma Vez
Apresenta:

LUA DE RODA

FICHA TÉCNICA:

Texto : Marlon Britto inspirado no conto A MOÇA TECELÃ de Marina Colasanti.
Direção : Marlon Britto
Elenco : Lara Iago: Dona Elzinha e Lua
Lucas Salaberry: Seu Alcides
Ludmila Maioli: Dona Odete
Marlon Britto : Maximiliano
Música tema : Marlon Britto e Vinicius Metzger

Colagens : Marcos Araújo e Eliane Vidal
Desenhos : Mauro Sedrez
Concepção gráfica : Bruno Acosta
Fuxicos e Flores : Marilda Britto
Contra-regragem : Thierry Dorneles
Duda Costa
Concepção geral de figurinos : Marlon Britto
Costuras e acabamentos : Ateliê Medida Certa
Iluminação e cenografia : Marlon Britto
Trilha sonora : Ludmila Maioli, Lucas Salaberry, Bruno Acosta

APOIO:

Sorocabana lancheria
América Latina Brinquedos
Cama Mesa Banho Decoração Estação do lar Seu bem estar em qualquer estação!
Barriga Verde Tudo para o enxoval do bebê e moda infantil
Cydy Coiffeur 3233.2498 - visconde de Paranaguá,214
Achei Variedades
Ponto da Beleza Centro de Estética Feminina 3232.4491 - Rua Republica, 362
cães & gatos 32323995-Dom Bosco,510
Mini Mercado Castanha Minas Gerais 410 - 3232.1989
Cia do Som CD - DVD - ACESSORIOS
Terraço imóveis Vendas e locação de imóveis Benjamim Constant. 357-A tel:32.31.19.83
DERMACO FARMÁCIA

9.4 Crítica escrita por Juliana Ferrari, mestre em Artes cênicas pela UFBA

Sobre o espetáculo *Lua de renda*, dirigido por Marlon Britto.

Festival de Teatro de Rolante, o ano era 2012. Fui, pela primeira vez, chamada a ser júri de um Festival de Teatro no Rio Grande do Sul. Estava apaixonada pelo evento, apesar da minha experiência em outros estados do Brasil, nunca tinha presenciado uma manifestação cultural tão potente em termos de formação de público de teatro. Depois fiz alguns outros festivais, mas algo em especial me marcou naqueles dias em que estive em Rolante.

O Espetáculo era *Lua de renda*, de Marlon Britto, da cidade de Rio Grande. Eu não conhecia nada do grupo, nem conhecia o diretor. O lugar estava cheio de crianças pequenas, ensino infantil, escolas públicas, ensino fundamental. Não me lembro ao certo qual era o público, mas me lembro que estava, como júri, sentada na quarta ou quinta fileira, e que a altura daqueles quatro adultos jurados atrapalhava as cabecinhas que pareciam ter 4, 5, 6 aninhos.

O esmero nas vestimentas e o nível de profissionalismo corporal e vocal dos atores era um abalo. As crianças estavam hipnotizadas. O vilão da história era interpretado pelo diretor, me dizia o colega de júri, um vilão machista e misógino, que destratava a mulher que o havia "criado" com as costuras, acreditando que aquilo era a solução dos seus problemas sentimentais. As crianças odiavam aquele vilão, torciam contra, e eu tinha a forte sensação de que as manifestações deles diziam respeito a coisas ouvidas e vividas no ambiente familiar. A adaptação feita por Marlon do texto de Marina Colasanti tinha o incrível dom de trazer à cena as situações mais corriqueiras do cotidiano de uma família inserida em uma estrutura patriarcal, onde o marido abusa da esposa, economicamente, em termos de trabalho, prendendo, requerendo exclusividade, abusando emocionalmente através de palavras que a diminuíam.

Essa era a reação das crianças. Mais impactante para mim, no entanto, era a reação de uma outra parte da plateia. Cutuquei meu colega de júri, Airton Oliveira, e apontei para uma professora que estava próxima de nós, algumas fileiras à direita. O corpo inclinado para frente, os olhos cheios de lágrimas, a cabeça apoiada na mão. As lágrimas escorriam. A emoção daquela visão me tomou. Airton fez que sim com a cabeça. Continuei olhando o espetáculo, procurei as outras professoras, mais algumas emocionadas, visivelmente, mas sobretudo todas elas muito atentas. Não posso negar que a adaptação era melhor que o conto original, e o conto é muito bonito. Mas o teatro coloca conceitos em ação, e aquilo era uma lição vivenciada sobre afetos, sobre relações abusivas, sobre a dor de estar em um mal casamento e o que significa a idealização do amor na vida das mulheres.

Eu mesma passava por maus bocados no meu casamento. Olhei aquelas mulheres na plateia e tive que encarar minha situação. Também chorei. Era inverno. Seis meses depois, em dezembro, consegui a muito custo me libertar da situação abusiva que eu vivia então. Antes disto, na vidinha doméstica, diversas vezes me lembrei daquele espetáculo, que parecia fazer um raio x da minha vida e trazer para a cena. Era um lembrete, algo que me convocava: Quando é que vais desfazer estes nós? Quando vais descosturar este homem? Quando vais desmanchar a torre em que te puseste? Poucas vezes o teatro foi tão modificador, no sentido mais prático que isso pode ter, mais libertador.

Depois disso fiz outras costuras, mas consegui desfazer o castelo antes de me enfiar dentro dele.

Obrigada Marina, Obrigada Marlon. Obrigada *Lua de renda*. Um espetáculo que deveria ser obrigatório na formação afetiva e de gênero de meninos e meninas.

9.5 Premiações do espetáculo

XV Festival Itaquiense de teatro amador: Festival de Teatro de Itaqui- 2014
Melhor Espetáculo infantil
Melhor Figurino infantil
Melhor Trilha sonora infantil
Melhor iluminação infantil
Além das indicações de Lara Lago como melhor atriz, Thierry Dorneles como ator coadjuvante, Ludmila Maioli como atriz coadjuvante, Marlon Britto como ator, direção, maquiagem e cenografia.

XXI Festivale - 2014 (Rolante)
Melhor atriz coadjuvante infantil – Ludmila Maioli
Melhor Texto original infantil
Melhor espetáculo do Jùri popular
Além das indicações de Lara Lago como melhor atriz, Thierry Dorneles como ator coadjuvante, , Marlon Britto como ator, direção, maquiagem e figurino e espetáculo.

II Festival Bajeense de teatro- 2014 (Bagé)
Melhor espetáculo infantil
#Melhor ator infantil- Marlon Britto
#Melhor atriz infantil- Lara Lago
Melhor figurino infantil
Além das indicações de Thierry Dorneles como ator coadjuvante, Ludmila Maioli como atriz coadjuvante, direção, maquiagem, cenografia e iluminação.

XV Rosário em Cena- 2014 (Rosário do Sul)
Melhor trilha sonora infantil
Além das indicações de Marlon Britto como ator, Lara Lago como atriz, Espetáculo, direção, maquiagem, iluminação.

IX Festcarbo: Festival de Teatro de Arroio dos Ratos- 2014
Melhor espetáculo infantil
Melhor direção infantil
#Melhor atriz infantil- Lara Lago
#Melhor ator codjuvante infantil- Thierry Dorneles
#Melhor atriz coadjuvante infantil- Ludmila Maioli
Melhor Figurino infantil
Melhor Trilha sonora infantil
Melhor iluminação infantil
Melhor Maquiagem infantil
Melhor Cenografia infantil
Melhor espetáculo do júri popular infantil
Além da indicação de Marlon Britto como ator

III Festival de teatro de Gravataí- 2014
Melhor espetáculo infantil
Melhor Figurino
Melhor Trilha sonora
Além das indicações nas categorias Melhor ator para Marlon Britto, Melhor atriz coadjuvante para Ludmila Maioli, Melhor texto original.

9.6 Fotos

9.6.1 estreia

9.6.2 Escola Barão de Cêrro largo

9.6.3. Teatro Municipal de Rio Grande

9.6.4 Feira de Artesanato de Rio Grande (Fearg)

9.6.5 Ilha dos Marinheiros

9.6.6 Cassino

9.6.7 Itaqui

9.6.8. Rolante

9.6.9 Guaíba

Folder do evento

9.6.10 Rosário do Sul

9.6.11 Arroio dos Ratos

9.6.10 Gravataí